ANO 2.º LISBOA—QUINTA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1922 N.º 472

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

AINDA sobre o caso do Teatro Nacional recebemos do ilustre actor José Ricardo a seguinte carta:

Sr. director: — Venho pedir á gentileza de v. um cantinho do seu belo *Diario* para mais uma vez e contra a minha vontade me ocupar do incidente do Teatro Nacional.

E' notavel, sr. director, a serie, que parece interminavel, de falsidades, de embustes, de mentiras emfim, que se têm escrito sobre o incidente Brazão-Ilda Stichini, em que tambem me envolveram, apezar de estar convalescente duma perigosa enfermidade que me teve ás portas da morte. E' claro que os desmentidos não se têm feito esperar e continuarão emquanto os factos forem deturpados.

Há poucos dias fui ataeado na *Capital* por *Um homem de teatro* que meteu o nariz nos meus ordenados, atribuindo-me quantias que não recebi. Desmenti-o. Agora é *Um ponto* que ontem no vosso conceituado *Diario* aglomerou uma porção de carapetões a meu respeito, que só *Um ponto*, que nunca foi ponto, pelo menos de teatro, poderia arquitectar. Chego a ter dó destes *homens de teatro* que estão sendo debicados por informadores que os estão mistificando impingindo-lhe *blagues* deste jaez: «... *O sr. José Ricardo que só pelas representações do* Centenario *recebeu 17 contos!!!* Ora se este *ponto* fôsse realmente ponto de teatro nunca escreveria similhantes disparates tomando-me por um campeão *prezario do Teatro Nacional!* Pobre *ponto*. Como chucham com êle!

Não os acredite!

Eu fui emprezario vinte anos em Lisboa e Porto em tempos de disciplina teatral e não estou disposto agora, depois de ter escapado dema pneumonia, ir acabar os meus dias num manicomio!

Se o meu velho amigo, sr. Augusto Pina, meu antigo companheiro de noites e ceias alegres, quizesse ou pudesse vir em meu auxilio, como desmentiria êle proprio *Um ponto*, dizendo: *Um ponto* mentiu ou quem o informou. O actor José Ricardo recebeu apenas nas 68 representações de *O centenario* quarenta escudos cada noite e uma recita em seu favor que rendeu dois mil escudos, o que, somado, produz a quantia de 4.720 escudos! E' verdade que tambem teria de dizer: Nenhum dos societarios aufere exclusivamente a sua cota, porque todos têm ordenados ajustados segundo os serviços que prestam ao teatro. O actor José Ricardo aufere os proventos que eu entendi conceder-lhe e que já existiam antes de eu tomar o meu logar e fui eu proprio que entendi aumentar-lhe o seu *cachet* para a epoca que vai começar no meu pleno direito de socio gerente duma empreza pela qual se rege o Teatro Nacional.

Tudo isto êle poderia dizer, mas como o não dirá, digo-o eu.

Termino, sr. director, declarando que não mais responderei a *Homens de teatro* sejam êles actores, autores, pontos ou carpinteiros do urdimento, a não ser que larguem o anonimato e assinem o que escrevem como eu.

Peço-lhe mil desculpas de ter roubado tanto espaço ao seu belo *Diario*—De v. etc. —*José Ricardo.*

* * *

UMA comissão, de que fazem parte os srs. Augusto Soares, Inocencio Camacho, José Barbosa e Rego Chaves, promove, no dia 21 deste mez, um almoço, no Avenida Palace, em honra do sr. Urbano Rodrigues, pela sua obra notavel como director de *O Mundo*.

PAÍS DESCONHECIDO

Nós, os portugueses, não conhecemos Portugal na sua força, na sua belesa e na sua alma. Entre nós e a nossa terra, a nossa verdadeira historia e a nossa raça ha uma tremenda ilusão que não nos permite ama-las com o amor epico e lirico que é o timbre mais puro do nosso coração.

A retorica perverteu as inteligencias, o jacobinismo inutilizou a acção patriotica.

Nós não vemos, não sentimos, não compreendemos Portugal.

A caricatura a que nós damos este alto nome é uma invenção dos nossos odios religiosos, politicos e sociais. O outro — o que ha oito seculos existe, lutando contra grandesas que estonteiam e miserias que degradam—esse não passa de uma abstração, vago pretexto para tiradas tribunicias.

Os nossos avós deram o seu sangue, a sua fé e a sua alegria para cimentarem a obra de Afonso Henriques. Criaram uma Patria que souberam fazer bastante nobre e grande, para que os seus filhos nunca a esquecessem ou maculassem.

Nós, porém, entendemos que era necessario negar o seu esforço, apagando os mais leves vestigios do passado, como se este fosse como o pó das estradas que se pega ao nosso vestuario e que uma simples escova facilmente sacode.

E em cima e sobre as ruinas do Portugal de nossos pais erguemos o nosso.

Tocaram as filarmonicas, houve discursos, organisaram-se cortejos, um suspeito amigo do povo afirmou estar pronto a dar a sua vida pela liberdade... dos seus negocios, alguns corcundas ofereceram-se para morrer pelos humildes, com as costas voltadas para os mesmos, visto não o poderem fazer cristãmente, sendo livres-pensadores.

Nunca houve tanto barulho, nas ruas e nas praças.

Morteiros a toda a hora, revoluções todos os mezes, rotação continua de homens ilustres entre a Penitenciaria e o Terreiro do Paço...

As pessoas de idade preguntavam:

—«Mas que é isto?»

—«E' Portugal que se redime de todos os seus erros e vicios.»

—«E este tiroteio diurno nocturno?»

—«São os patriotas que se batem contra os tiranos e os traidores.»

Como o tumulto crescesse e a confusão se fizesse maior, alguns velhos carregados de experiencias e tradições imortais entreolharam-se e disseram:

—«Se os nossos netos, para viverem em paz e liberdade, necessitam de organisar montarias uns contra os outros, melhor seria que estivessem quietos e fossem felizes como os pastores.»

VINHO NOVO

—Este vinho tem agua.
—Não admira. Choveu muito, durante o verão, nas vinhas...

LEITÃO de Barros, pintor, decorador, jornalista e professor — uma actividade que ignora o repouso e uma inteligencia sempre *en eveil* — publicou, numa formosa edição, os *Elementos da Historia da Arte*, cuja capa foi desenhada por Cotinelli Telmo.

Embora se destine aos alunos das 4.ª e 5.ª classes dos liceus, merece a leitura de todos os que desejem instruir-se, adquirindo noções elementares e necessarias. Este precioso livro, ricamente ilustrado, ha muito que fazia falta nas nossas escolas.

Leitão de Barros prestou um excelente serviço ao ensino artistico, tanto mais que soube marcar, no meio da cultura europeia, a formação e desenvolvimento da arte portuguesa.

Martins Barata, professor e artista, ajudou-o na parte de ilustração.

O ilustre professor Manuel Ramos acompanha dum honroso prefacio os *Elementos da Historia da Arte*.

***

CLÉO de Mérode, que presentemente vive em claro escuro, como convem a um astro que declina, sabendo que um *film* que agora se exibe em Paris pretende apresentar ao publico o romance da sua vida, recorreu á justiça para obter a sua interdição.

Dois motivos devem tê-la levado a adotar tal procedimento: 1.º atribuirem-lhe aventuras que lhe não pertencem; 2.º detestar a publicidade, agora que o publico não é para ela [illegible] testemunho incomodo duma personagem que ela foi, mas agora deseja ver sepultada.

Isto significa que ela está mais burguesa que artista.

Como a vida é tão rapida, que nem dá tempo para se retocarem as atitudes e gestos que criam a gente celebre, a fama, de vez em quando, vai atraz das suas vitimas, como um milhafre que persegue a sua presa.

Será este o caso de Cléo de Mérode?

* * *

AINDA ha muitos individuos que julgam que a felicidade do nosso povo se conquistará com um programa teórico de reformas e uma revolução. Esta crença já deu origem a varios crimes e muitos danos. Os nossos males cresceram, o desespero avolumou-se. Só o trabalho nos poderá salvar. Porque não trabalhamos? Não faltam portugueses a quem esta pregunta desasossegue, tanto habituados andam a fazer da sua preguiça a sua mais copiosa receita.

* * *

ENCONTROU o melhor acolhimento na imprensa a ideia de se organizar um grupo parlamentar, recrutado nos partidos com representação nas Camaras, para combater sem descanso a retorica, palavrosa e perturbadora, e a politica dos interesses mesquinhos. Se tal se der, ha deputados que se suicidam... em silencio.

* * *

O SR. embaixador do Brasil deve visitar na proxima segunda-feira a maravilhosa arca manuelina e bronze comemerativo da travessia aerea do Atlantico, em exposição na «Sala Algarve», da Sociedade de Geografia, trabalhos insignes do esculptor cinzelador Antonio Maria Ribeiro.

* * *

O MINISTRO de Portugal na Argentina, sr. Alberto de Oliveira, vem brevemente a Portugal, em goso de licença.

Pelo "sport"

TRUDGEON E OVER-ARM

Ainda a travessia do Tejo

Os leitores estão decerto recordados de que, na ultima travessia do Tejo, não foram aceites as inscrições de trez nadadores do Sporting Club de Portugal.

A entidade organisadora fundamentou-se, para isso, no regulamento da prova, que seguiu á risca, depois de ter passado sobre ele nas inscrições dos restantes nadadores.

Um dos nadadores atingidos—Antonio Soares—foi excluido com justiça.

Emile Renou foi porém injustissimamente excluido. Diz o regulamento que, para que um nadador possa mudar de club, deve estar 3 anos sem se inscrever.

Ora Renou ha quatro anos que se não inscreve pelo Gimnasio.

Ha dois anos é que, crêmos, o Gimnasio o inscreveu numa prova, mas sem o consultar. Renou que não desejava correr mais pelo Gimnasio, não compareceu.

Foi esta inscrição de ha 2 anos o pretexto para que Renou não fosse admitido á ultima travessia do Tejo.

Com Antonio Silva sucedeu o seguinte: Faltavam-lhe dois ou trez dias para completar os trez anos. A entidade organisadora resolveu não transigir, cumprindo á risca o regulamento. Contudo a mesma entidade deixou para traz a severidade quando se tratou da inscrição dos nadadores de outros clubs.

Com efeito, nenhum dos clubs que inscreveram concorrentes—á excepção do Sporting—apresentou as inscrições conforme manda o regulamento. Nesse ponto, saltou-se por cima da lei.

O que se passou foi de tal forma pouco correcto, que o jury, perante o protesto do club prejudicado, resolveu á ultima hora deixar concorrer não só Renou e Antonio Silva, mas até—oh, pasmo!—Antonio Soares que de forma alguma podia concorrer.

AO SOM DO «GONG»

Faustino Pereira contra Tavares Crespo

O *match* do dia 26, entre Faustino Pereira e Tavares Crespo, campeão de Portugal de *meio-medios*, está despertando um entusiasmo enorme.

Faustino Pereira tem-se treinado cuidadosamente e está tão confiante na vitória que está na disposição de apostar a bolsa.

Na mesma noite encontrar-se-hão Silva Ruivo, campeão de Portugal de *leves*, e o novo profissional portuense Costa Mendes.

OS NOSSOS ESCRITORES

A HOMENAGEM
a Guerra Junqueiro
É UMA OBRA DE BELEZA A REALIZAR

Assim como é triste e doloroso ter diante de nós um jarrão ou um solitario com flôres e vê-las dia a dia morrer—é triste ver morrer um sonho que se criou, que se amamentou de ternura e que, pouco a pouco, insensivelmente, vai desfalecendo. O jovem poeta Mario Alves Pereira tornou-se arauto dum sonho belo, feito de gratidão e de raças, feito de alma lusiada e de ternura—glorificar Junqueiro, fazer junto á personalidade de Junqueiro uma admiravel romaria de admirações.

O sonho é belo, tem mocidade, alma alevantada, tem elegancia moral e tem nobresa de alma. E' preciso que ele não morra, é preciso amamentá-lo, embalá-lo com a nossa juventude e com a nossa ternura adolescente.

Este ano que finda, o ano de 1922, tem sido para Portugal um ano de raça, tem sido um ano onde a alma lusiada se tem vestido de heroismo e de gloria de renome e de acção realisadora. Para coroar este fim de ano, a melhor festa a fazer é coroar Junqueiro, o poeta tutelar, que na «Oração aos Soldados» que partiam para a guerra se tornou tão grande na sublimidade das suas palavras, que tocou Deus, foi super-homem e divindade.

Junqueiro é um nome glorioso, é uma admiravel sintese de beleza. Desde a ternura lirica dos «Simples», onde a alma humana se divinisa em holocausto e sonho, até ao cristianismo neo-tolstoiano da «Oração ao Pão», desde o sarcasmo heroico de «A Patria», onde a raça passa em delirio, em heroismo, em desalento e em catastrofe (apenas redimida nas palavras divinas de Nun'Alvares, o santo tutelar da raça) até ao hino religioso da «Oração á luz», Junqueiro realiza uma obra divina, sobrehumana, cheia de funda beleza e de sonho ardentissimo — uma obra onde ha sonho, quimera, saudade, heroismo, crepusculo, alma heroica, alma religiosa, anseio, mãos em reza, ex-votos, sonho em labareda, divina [illegible] sentidos!

Na obra Junqueiriana ha a obra de lirismo, ha a obra de satira, ha a alma rebelde. Mas a obra eterna, a que perdura, a que tem anseio, a que fica no sentido da raça é a obra lirica, a obra que se reza, a que está mais ao colo da nossa alma.

* * *

No momento em que se luta tanto, em que as paixões sobem tão alto, Junqueiro isolado, só, medita mais do que nunca na metafisica da alma, e, sintese da alma humana, sofre por todos, pensa por todos.

Junqueiro, que tanto sentiu e sofreu no mundo, afasta-se do mundo, das suas paixões, dos seus egoismos e como um anacoreta cuida mais do que nunca da sua alma, como um sonhador cuida dos seus sonhos, como um pagão derradeiro cuida da luz e do amor. E' justo que nós vamos junto a Junqueiro em romaria de alma dizer-lhe que a raça o compreende, que a alma lusiada o sabe acarinhar, que junto do seu sonho o nosso sonho existe—e perdura em extase e admiração.

Depois da festa a Olavo Bilac nunca mais Junqueiro comunicou com um publico, isolado como o Poeta anda no holocausto divino e redentor do seu pensamento.

Num seculo igualitarista e arido como o nosso, é belo sentirmo-nos raros em alma e sonho. Que ao menos os raros se reunam, prestando junto do artista glorioso dos «Simples» a mais bela e a mais simples das homenagens. Cada vez, cada vez mais, eu sinto que um Artista é um isolado na turba-multa dos indiferentes e dos que são inutilmente eguais.

E' preciso quebrar as algemas do egoismo e pôr a alma ao alto, gloriosamente, redentoramente. E' preciso pôr a alma ao alto, acima das paixões e das coisas terrenas—e caminhar a direito, sempre a direito, pela estrada da redenção.

Correia da Costa

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria Camila Coutinho de Mendonça Morais Pinto, D. Julia Candida do Couto Valente da Fonseca Zuzarte da Ponte Horta Gavazzo, D. Margarida Maria de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte), D. Maria Amelia de Almeida e Napoles de Carvalho e D. Antonia Pinto Castelo Branco.

E os srs.:

D. Fernão Gil de Castro (Nova-Gôa), comendador Carlos Nunes Teixeira, dr. Agostinho Barbosa da Cunha Sotto Mayor, dr. José Soares da Cunha e Costa, Manuel Pinto Rodrigues da Costa de Barros (Alvelos) e Estevam Van-Zeller.

Casamentos

Pela senhora D. Emilia Lacombe Guimarães Bivar de Sousa Dores foi pedida em casamento a senhora D. Maria Ernestina de Abreu Barros, filha da senhora D. Maria Luisa de Abreu Barros e do sr. Caetano José Diniz de Barros, para seu filho Antonio Bivar de Sousa Dores. A cerimonia deve realizar-se brevemente.

— Está justo o casamento da senhora D. Diana Ramos da Silva, com o sr. Diniz Evangelista Torres, filho do sr. Diniz Evangelista Torres.

— Pelo sr. João Faustino Masoni da Costa, foi pedida, para seu filho, sr. Henrique Antonio Rosa da Costa, a mão da senhora D. Maria Alexandrina Mouton, filha da senhora D. Maria da Conceição Marques Mouton e do sr. Alexandre Leon Mouton.

Recitas elegantes

Um grupo de gentis meninas da nossa primeira sociedade de que se encontram vereneando em Cascais realiza ámanhã no teatro desta aristocrata vila um concerto de caridade para o qual o ilustre artista sr. D. Francisco de Sousa Coutinho organizou o programa tomando ele parte com alguns dos seus melhores discipulos entre os quais as senhoras D. Cremilda Monteiro, D. Fernanda Coimbra e D. Matilde Soares e os srs. Antonio Fernandes Manuel Coelho, Carlos Fernandes Alberto Martins, Alberto Rebelo de Almeida, D. João da Camara, o famoso baritono Carlos Orrico, Rafael Marques e outros artistas que foram convidados para esta recita.

Pontos de reunião

A nossa primeira sociedade dá «rendez-vous» ámanhã, á noite, na segunda recita de assinatura no S. Luiz, com a «Miss Issipi», e na «soirée» da moda do Chiado Terrasse.

Em viagem

Regressou da Foz do Douro a Santo Tirso o sr. dr. João da Cruz Cardoso Santarem.

—Regressou das Caldas, de Moledo ao Porto o sr. Antonio Pereira Soares Gomes.

—Partiu de Canas de Senhorim para Grandola o sr. dr. Tiago Marques.

—Regressou da Parede o sr. dr. Alfredo Martins Fernandes Nogueira.

—Regressou de Caparica o sr. dr. José Alberto de Faria.

—Regressou de Cascais o sr. Antonio Salazar de Eça.

—Está na Vila da Feira o sr. conde de Feijó.

—Regressou de Carapinheira do Campo a Tomar a senhora D. Julia Mousinho.

—Regressou de Penafiel ao Porto o sr. dr. Luiz Viegas.

—Regressou de Taboa a Freixedas o sr. José da Costa Pinto.

—Regressou a Coimbra o sr. Adriano de Moura Fonjaz de Gusmão.

—Partiu de Pinhel para o Porto o sr. Adolfo de Castro e Sola.

«A B C»

Teve um grande sucesso merecido o numero desta simpatica revista saido hoje. Além da sua vasta e optima reportagem fotografica que é sempre a mais completa, insere um artigo em que Gago Coutinho desvenda o segredo da viagem aerea ao Rio, por uma forma sugestiva impressionante e documentada.

A B C continua mantendo o seu prestigio e por isso merece especial elogio e a simpatia do publico que cada vez é maior.

O numero de hoje é digno de nota e bom em todo o porte.

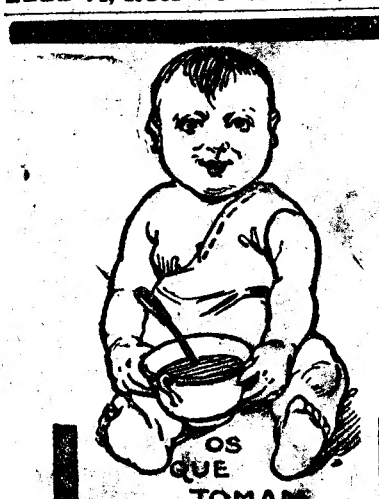
MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

Quereis poupar o calçado? Usae o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74



OS QUE TOMAM IODONAL NÃO COMEM, DEVORAM!

TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS

Superior ao óleo de bacalhau e emulsões

INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, CORDEIRO FERREIRA ETC.

FARMACIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18

TEATRO POLITEAMA

EMPREZA LUÍS PEREIRA — TELEF. N. 3028

TEMPORADA PARISIENSE DE 1922

Companhia Francesa de Comedia do eminente actor GABRIEL SIGNORET — Direcção Rothkoff

Desde hoje até 20 de outubro acha-se aberta nos escritorios da empreza das 14 horas ás 18 a assinatura para 8 RECITAS todas com peças em primeira representação—A' escolha entre o seguinte reportorio: Petite Reine — Commedienne L'autoritaire — Les Noveaux Riches — La 8ème femme du Barbe Bleu — Le Bonheur de ma femme — Kiki — La volonté de l'homme — L'ingenu — La pelerine ecossaire — Les amants de Sagy — L'Ecole des Cocottes — etc., etc. — No acto do pagamento do seu logar o assinante indicará por escrito 3 peças que dentro do reportorio prefere vêr, de modo que, reunida a opinão dos assinantes prevalecerão os votos da maioria. — GABRIEL SIGNORET, ——— o grande actor francês, deve estrear-se a 26 ou 27 de outubro. ———

FAZENDAS DE LÃ PARA TODOS

POBRES REMEDIADOS RICOS

Todos devem preferir as casemiras dos DONAS da Covilhã porque são as melhores, as mais bonitas e os mais baratas. Só os fabricantes DONAS vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para fatos e vestidos, em todas as côres e em todos os padrões, por preços baratissimos ao alcance de todas as bolsas.

Depositos de vendas a retalho:

Em LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187, 2.

No PORTO — Rua Fernandes Tomaz, 392-A

SIFILIS E BLENORRAGIAS

evitam-se usando o

ANTIVENERIN

preparado alemão. Modo de usar indicado nos tubos. A' venda nas boas farmacias e drogarias. Agentes gerais para Portugal

SAMPAIO & RODRIGUES

RUA DA MADALENA, 113, 2.º

TELEFONE C. 5:507

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Telefone C. 3033

SOUZA, MOURA & C.ª, L.da

End. Tel. «SOURA»

CASA BANCÁRIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRAZO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

Em armazem

Moinhos para ceriais com mós francesas

Mós francesas LA FERTÉ

Aparelhos para limpesa de ceriais

Bandejas para trigo

Escovadores para trigo

Crivos Marot legitimos

Ventoinhas para arrefecimento das mós

Remolhadores automaticos

Etc., etc., etc.

John M. Sumner & C.º

Sucessor

JOSÉ J. TEIXEIRA

Avenida da Liberdade, 29, 37

LISBOA

TEATRO SÃO LUIZ
— Companhia de opereta —
ARMANDO VASCONCELOS
Ámanhã — 2.ª recita de assinatura — Reaparição da actriz cantora Aldina de Souza — ESTREIA da celebre opereta italiana em 3 actos, musica de Bettinelli
MISS ISSIPI
Protagonista: Ausenda de Oliveira

EDEN-TEATRO Telef. N. 3800 — ás 21,15 —
TODAS AS NOITES
O MAIOR EXITO
ASSOMBROSO SUCESSO
A peça policial mais movimentada, mais cheia de graça, mais repleta de «trucs» e com o melhor dos desfechos
O Crime do Cochicho

TEATRO DE S. CARLOS
COMPANHIA BERTA DE BIVAR — ALVES DA CUNHA
Direcção artistica de CARLOS SANTOS
QUINTA-FEIRA, 26 de Outubro de 1922
1.ª representação da peça historica de grande espectaculo em 4 actos, verso, original de Silva Tavares
VASCO DA GAMA
Recita de homenagem aos heroicos aviadores GAGO COUTINHO e SACADURA CABRAL, que assistirão ao espectaculo
«Vasco da Gama» — ALVES DA CUNHA
Reaparição do actor Carlos Santos
O 2.º acto a bordo de uma autentica caravela tripulada por 100 marinheiros - Bilhetes á venda

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

SOCIEDADE ESTORIL
COLEGIO ESTORIL
Avenida Biarritz Parque Estoril
Curso de instrução primaria, secundaria e comercio. Francês e inglês pratico, pintura, musica, esgrima, natação, equitação e ginastica. Reabre em Outubro

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
— Pelo correio mais $20 para registo —
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51 — LISBOA

CRONICA

A romagem
A FÁTIMA

O que foi o dia 13 de Outubro na Cova da Iria

Era ainda noite fechada quando partiu de Tomar o nosso grupo de romeiros, de carro, corajosamente, com seis horas de caminho pela estrada que sobe a serra d'Ayre, passando por Chão de Maçãs, Ourem e Fátima:

O ceu estava enervado, o luar, no minguante, espalhava uma claridade vaga e divisava-se, confusamente, a varzea pequena, com as suas arvores frondosas, na fresca cidadesinha das margens do Nabão.

Amanheceu em plena serra, pedregosa e escalvada, mas com golpes de vista, largos e profundos, sobre vales aveludados de verdura.

As nuvens e as cumiadas rosavam-se ligeiramente, mas não tranparecia o sol, oculto numa densa cortina, que anunciava chuva.

E começou, então um espectaculo curioso, que desviou as atenções da beleza inexgotavel com que a Providencia Divina tão generosamente dotou a Natureza. Por todos os caminhos, de todos os lados, de todas as povoações, encruzilhadas e carreiros surgiam *peregrinos*, de todas as classes e em todos os transportes. A fila era interminavel e ininterrupta. Passavam automoveis luxuosos e pacificos burrinhos, carros particulares, com cavalos luzidios e bem arreados e velhos carros de carreira, que os magros cavalos puxavam a custo. O carro de bois armado com o seu toldo de vistosas colchas, a carroça, a bicicleta, o *side-car*, tocavam-se benevolentes e sem atropelamentos, ainda mais perigosos com o formigueiro humano de gente a pé. Enormes camions de transporte e de carga realisavam o milagre de não despenharem pelas escarpas da serra os seus numerosos passageiros.

Vê-se gente de muitos pontos do paiz. Sente-se a corrente profunda, que numa força misteriosa, invencivel, impele e unifica. O que vale todo o orgulho vão e esteril do *livre-pensamento* em face desta aspiração das almas que se elevam muito acima das miserias terrenas, no vôo puro duma crença eterna?

Chegamos finalmente a Fátima. O povo é compacto diante da porta da pequena igreja da aldeia onde estão comungando as creanças. E' quasi meio-dia. A procissão de Fátima até á Cova da Iria—logar da aparição, distante dois quilometros—foi proibida, não consigo apurar por quê. Nem é preciso. E' já tão conhecido o motivo invocado por aqueles que, reclamando para si proprios a liberdade de não crerem, pretendem impor aos outros igual desgraça, por todos os meios ao seu alcance: temor, ameaças, proibições e dificuldades!...

Custa a passar na estrada, tantos são os veiculos que impedem o caminho.

Na Cova da Iria, larga depressão de terreno, como o seu nome indica, descendo, da estrada, vê-se uma enorme multidão, cujo numero não sei avaliar, rodeando a capelinha arruinada pelas bombas. Ergueram um docel pobre, encostado á parede da ermida e ali colocaram o altar para a missa campal e a imagem branca e delicada da Senhora de Fátima, que já trouxeram da povoação afastada onde a abrigam dos ataques brutais da fera-humana, que merece piedade, na sua inconsciencia açulada por outros menos desculpaveis, mas talvez não mais conscientes, porque já vão sentindo na propria carne a garra implacavel.

Começa a chover. A multidão toma um aspecto melancolico, abrindo os chapéus de chuva negros, sobre o terreno amarelado e barrento da Cova da Iria onde a urze mal consegue brotar, terreno inhospito mas abençoado por Deus, terreno em que, segundo a tradição, Nuno Alvares orou nas vesperas da batalha de Aljubarrota e agora as pastorinhas humildes ouviram a linda Senhora, luminosa e branca, entristecida e suave, dizer-lhes ignoradas palavras e pedir-lhes orações.

Os padres chegam de Fátima, seguidos pelos devotos, de cabeça descoberta sob a chuva que aumenta, e principia a missa campal.

Num alto pulpito de madeira, guarnecido de buxo, um padre, cuja voz se impõe, reza o terço a que a multidão responde fervorosamente. Oferece, um a um, os cinco *misterios* e naquele que é oferecido pela salvação de Portugal o brado, uniisono, ergue-se vibrante e comovente, partindo do coração.

O Credo, resado em côro, eleva-se imponente e nessa pobre terra esteril, que não dá pão a bocas famintas, há uma rica seara humana, em que o pão do espirito é sublime e farto. A' comunhão canta-se o *Bemdito* e durante quasi uma hora não se interrompe o cantico. Comungaram seiscentas pessoas, segundo me disseram depois.

Há momentos em que a chuva cai torrencialmente. Ninguem se importa, nem se afasta. E quando o céu aclara e o sol oculto apenas por nuvens tenues, parece uma placa de prata, sem irradiação que ofusque, semelhante a uma *hostia* enorme, brilhando no espaço, alguns gritam: —Olhem o sol!... Vêem?... Vêem?...

E há corações ansiosos, que esperam o maravilhoso fenomeno, que desta vez não se acentua, nem se define.

No fim da missa, o dr. Cruz, prega o sermão, aconselha e reza.

Os que teem a felicidade de conseguir aproximar-se do altar tocam com os terços e as medalhinhas no manto da Senhora e voltam com a reliquia preciosa para a sua fé.

E depois começa a debandada, sobre a lama barrenta da Cova e da larga estrada.

Há familias do Ribatejo e do Alentejo de vilas e cidades proximas e distantes e rostos conhecidos de Lisboa. Passa o automovel dum opulento africanista, onde vai tambem um apreciado dramaturgo, seu sobrinho. Um conde, recentemente viuvo duma ilustre senhora, que muito dedicou á caridade e á religião a superioridade do seu espirito inteligente e artistico, distribue á multidão um pequeno jornal de Leiria *A Voz de Fátima*. Encontro uma senhora, notavel nas letras, que se retira com seu marido, um conhecido magistrado. Falo á mãe e á irmã dum monarquico renitente, que foi um dos presos da aventurosa evasão para as Canarias. Avisto a fugira esbelta duma neta dum falecido banqueiro cujas feições se repetem, mais ou menos embelezadas em todos os rostos da sua familia. Emfim, tanta gente conhecida que para citar-lhes os nomes precisaria duma coluna de *carnet mondain*.

Chegámos a Tomar já de noite, embora mais rapidamente, descendo a pitoresca estrada da serra. Há em todas as povoações um ar festivo, janelas abertas que deixam ver mesas com toalhas brancas que aguardam o jantar.

A's portas e ás janelas assomam creanças e raparigas risonhas. Diz-se adeus com os lenços para as casas e para os carros, mesmo a pessoas desconhecidas.

E a romagem termina sem um incidente desagradavel, sem uma nota discordante, enternecedora e pacifica, fervorosa e calma. *Avé Maria*!

MARIA DE CARVALHO

TEATRO SALÃO FOZ
Emp. A. Emeus — Telef. 4354 N.
HOJE ás 21 h. HOJE
O AZ
— NOITE DE GARGALHADA —
ENCHENTES CONSECUTIVAS

Teatro APOLO
HOJE: — Recita dos autores **Ascensão Barbosa** e **Abreu e Sousa** com a sua peça
CIGARRO BREJEIRO
a mais graciosa e deslumbrante das revistas fantasias

Cinema Condes
A'manhã a inauguração da época de inverno
O grande acontecimento artistico da semana é a inauguração da época de inverno no Condes, que ámanhã se realiza com um soberbo programa. Dele faz parte uma estreia de arte—«O Destino manda»—em 6 partes, criação da grande actriz Gabriela Robinne, da Comedia Francesa. Hoje, á noite, um programa tambem esplendido se oferece aos frequentadores do Cinema Condes. Faz-se «rèprise» da engraçadissima estreia de ontem «Pencudo e os ursos», os três ultimos episodios dos «Misterios da Selva».

Laboratorios de Farmacia
Instituto Pasteur de Lisboa
◂LYOL▸
(Topico oxygenado)
CURA:
FERIDAS — ULCERAS
FURUNCULOS
ERUPÇÕES DE PELE
FARMACIAS:
LISBOA — R. N. do Almada, 88
PORTO — R. dos Clerigos, 36

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
Aviso ao Publico

A partir de 20 de outubro de 1922 e até aviso em contrario, o importe global de qualquer cobrança que não seja multipla de $05 (cinco centavos), será arredondada para o multiplo de $05 (cinco centavos) imediatamente superior.

Em tudo que não fôr contrario ao disposto no presente, ficam em vigor as disposições da Tarifa Geral.

Lisboa, 14 de outubro de 1922.

O director geral da Companhia,
Ferreira de Mesquita.

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE
ANUNCIO

Faz-se publico que no dia 25 de Outubro de 1922, pelas 12 horas, na secretaria da 2.ª Secção de Via e Obras, em Evora, perante o respectivo chefe, terá logar a arrematação para a empreitada de fornecimento de (3000 m3) três mil metros cubicos de pedra britada, para balastragem da linha d'Evora. O deposito provisorio para ser admitido a licitar é de 600$00.

Os licitantes podem enviar, em carta fechada, para a entidade perante a qual é feito o concurso, a sua proposta acompanhada do recibo do deposito provisorio e de todos os documentos exigidos, entendendo-se que, procedendo assim, desistem de tomar parte na licitação verbal quando a haja, e do direito de reclamar acêrca dos actos do concurso.

Os projectos, cadernos de encargos e as condições de arrematação podem ser examinados todos os dias uteis, desde as 10 ás 16 horas na Secretaria da 2.ª Secção de Via e Obras, em Evora.

Evora, 18 de Setembro de 1922.

O engenheiro auxiliar
chefe da 2.ª secção de Via e Obras
Artur José da Silva Campos

O engenheiro chefe do Serviço de Via e Obras
Diogo Silva

COLISEU DOS RECREIOS
ULTIMA SEMANA DA COMPANHIA ITALIANA DE OPERETA
HOJE — Ás 21 horas (9 da noite) — HOJE
Primeira e unica representação da opereta de grande sucesso
A RAINHA DO FONOGRAFO
UM GRANDE SUCESSO ARTISTICO
AVISO — Sendo esta a ultima semana de permanencia em Lisboa da COMPANHIA ITALIANA, a Empresa dá conhecimento ao publico de que o reportorio que se segue á peça de hoje será o seguinte:
Sexta-feira — Festa artistica do notavel e aplaudido baritono Guido Checchi, com a linda peça ONDE CANTA A COTOVIA, realisando-se a estreia da distinta cantora sr.ª Maudrit, que cantará, além do seu papel nesta opereta, varios trechos de operas.
Sábado — A lindissima e já popular opereta AGUA SERENA, a peça que caiu tanto no agrado do publico, que se ouve trautear e assobiar pelas ruas a sua encantadora musica.
Para qualquer destes espectaculos póde desde já o publico marcar os seus logares

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Norte

Numa estação entroncamento. Ele e Ela passeiam na *gare*, conversando. Ela, *gabardine* côr de ervilha, chapéu pequeno, rosto fresco, olhos escuros. Ele, *complet* inglês, boné de viagem, cara rapada, insinuante.

. . . . . .

ELE—Se não fosse este encontro inesperado, esta hora de isolamento, entre dois comboios, nunca lhe teria dito nada, talvez...

ELA—Disse-mo tantas vezes este verão, na quinta de Santo André!

ELE—Está a brincar? Eu?... Nunca me aproximava de você, nunca tive uma palavra amavel sequer!...

ELA—Foi uma fôrma bastante clara de m'o dar a perceber, não lhe parece?

ELE—Não compreendo...

ELA—Não? Pois é facil. Se eu o perseguisse—como vocês costumam dizer tão gentilmente—ou, mesmo sem chegar a tanto, lhe manifestasse a minha atenção com olhares e palavras intencionais, a sua atitude significava «entendo, mas não me agrada». Desde o momento que o tratei bem, simplesmente, sem o distinguir de modo algum, forçoso foi traduzir de outra maneira a especie de defeza que tomava, para comigo...

ELE—Como?...

ELA—Sim... Se combinavamos um passeio, você só podia ir quando eu não ia. Se eu chegava ao jardim, você entrava para a sala e, se eu recolhia á sala, voltava para o jardim... E muitas outras pequenas coisas deste genero. A tradução era logica: se não necessitava defender-se de mim, por que eu não o atacava, era de si proprio que se defendia, sentindo-se em perigo... Já vê...

ELE—Realmente foi bem observado... Mas como devo eu traduzir, tambem, a atenção e a perspicacia com que me observou?...

ELA—Não imagine nada de especial. O homem só observa quando se interessa, e mesmo assim!... A mulher observa sempre, porque é curiosa, e quando é inteligente, ou apenas esperta, observa bem... Cheguei a imaginar que a sua atitude era propositada...

ELE—Propositada para quê?...

ELA—Que entendimento tão vagaroso!... Como declaração negativa e por isso sem riscos de amor-proprio...

ELE—De amor-proprio, apenas?...

ELA—Pois de que mais? Julga que lhe atribuo uma incuravel paixão?... Apenas um capricho mais vivo, por saber inutil qualquer tentativa...

ELE—Minha?...

ELA—Ou de outro. Não tenciono tornar a casar.

ELE—Porquê?

ELA—Porque a viuvez é uma situação que envolve muita saudade ou muito desafogo, conforme se perdeu um marido bom ou mau, para que se deva modificá-la...

ELE—Tudo se renova e se modifica, neste mundo... Mas qual é o seu caso: desafogo ou saudade?...

ELA—Ainda não o tomei por confidente...

ELE—Nem era esse o lugar que eu desejava...

ELA (sorrindo)—Tem razão... Merece mais.

ELE—Então?...

ELA—Então... Vai partir o meu comboio. Adeus.

ELE—Adeus, não. O meu comboio é tambem esse.

ELA—Está enganado. Não me disse que ia para o norte?

ELE—O meu norte *é você...*

. . . . . .

Maria de Carvalho

Policia de Segurança do Estado

A fim de ser interrogado na P. S. E. chegou esta manhã a Lisboa, vinda da cadeia da Relação do Porto, o preso politico José Antonio de Almeida.

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.°—RUA AUGUSTA—70, 2.°
TELEF. C. 1196

UM CASO DO DIA

O CONFLITO do teatro Nacional

Uma situação semelhante á da "Comèdie Française"

O "DIARIO DE LISBOA" OUVE O ANTIGO COMISSARIO DO GOVERNO JUNTO DAQUELE TEATRO

A questão do teatro Nacional não fica por aqui. O ministro mandou sindicar, que ainda é o grande recurso ministerial quando as pessoas não se querem incomodar ou ferir os interesses de outras pessoas. Mas emquanto a sindicancia não se resolve, o teatro do Estado dá-nos este espectaculo triste de desordem, no começo duma temporada oficial.

Nós não somos actores, nem ministro, nem comissario do governo, nem administrador; somos jornalistas e é simplesmente como tal que este caso do teatro do Estado nos interessa.

O *Diario de Lisboa* mantem-se numa atitude absolutamente neutral. Registamos opiniões. Mais nada. Ha dias foi o ilustre actor Eduardo Brazão quem disse aos leitores do nosso jornal o que pensa sobre o seu caso, que é o mesmo dos artistas José Ricardo e D. Ilda Stichini. Hoje é o sr. Santos Tavares, que foi comissario do governo junto do teatro Nacional, quem vai dizer aos leitores do *Diario de Lisboa* a sua opinião sobre aquilo a que se tem chamado *um caso de indisciplina artistica.*

Santos Tavares formou o seu criterio, com inteligencia, com imparcialidade e com conhecimento de causa.

—Falo como antigo comissario do governo junto do teatro Nacional. Não tenho o minimo ressentimento contra os artistas que estão agora em conflito com a gerencia daquele teatro. Quando se descerrou uma lápide de homenagem a Eduardo Brazão, no teatro S. Luís, fui um dos oradores e tive ensejo de prestar justiça ás altas qualidades daquele ilustre actor.

—Mas o conflito...

—O conflito resume-se a uma mera questão disciplinar. Toda a campanha que por aí surgiu a pretender comover a opinião publica occulta, propositadamente, os factos fundamentais, essenciais da questão, pois põe apenas em relêvo os casos secundarios e minimos ou sejam os casos absolutamente alheios ao assunto.

—A sua atitude...

—Como comissario do governo, cumpria-me manter a disciplina e a ordem no teatro do Estado, e, para a manter, tive que travar durante três épocas os mais rudes combates e de recalcar os mais amargos dissabores.

—A enfermidade já vem de longe...

—Sim, é muito antiga. A psicologia do comediante, com as suas impaciencias sofregas e os seus patologicos melindres de vaidade, está modelarmente definida no artigo *Les Comédiens*, desse rude panfletario dramatico que foi Octave Mirbeau e numa longa e minuciosa cronica, subordinada ao mesmo titulo, do publicista André Fagel. Essas paginas são verdadeiras fotografias, e, sempre que ao gabinete do Comissario do governo chegavam as multiplas, constantes reclamações dos artistas teatrais ou os ecos dessas reclamações, eu comprazia-me a reler os comentarios acidos, mas flagrantes, do autor do *Foyer*. Fagel dizia: «Os comediantes começam a atravancar de mais a nossa vida. Ha muitos meses que não podemos abrir um jornal sem sermos informados sobre o estado de alma deste ou daquele comediante, sobre as coleras que reboam no seu peito, ou sobre os planos daquele outro. Têm todos muito talento, genio até, mas que se contentem em representar e que nos deixem socegados. Confinados no seu teatro, julgam que os bastidores e o palco contêm o universo.»

—E então essa a sua opinião sobre o caso do Nacional...

—Sim. Já era a opinião de Fagel e não conhecia o caso do Nacional. Veja agora o que diz Antoine, num artigo de *L'Information*. A situação da *Comèdie Française* é muito semelhante á do teatro Nacional: «Liquidem essa Comèdie Française, que já não satisfaz as nossas exigencias, para a substituir por outra. O mundo inteiro atravessa uma hora de readaptações e de organizações novas em todos os ramos. Não se podem prejudicar os interesses duma sociedade comercial, visto que esses senhores teimam em afirmar-se comerciantes; ficariam assim perfeitamente livres para continuar os seus negocios; aqueles que constituem valores reais, forças de futuro deixariam bem depressa o seu interesse para servir numa casa reorganizada e viva, que os honraria, assegurando-lhes uma carreira artistica em vez duma profissão mais ou menos lucrativa».

—O caso do Nacional resume-se...

—...A uma questão de disciplina... e de dinheiro.

—A solução...

—Está dependente do ministro.

ENCERADOS DE VARIADAS DIMENSÕES PARA VAGONS, BARCOS E VIATURAS
TOLDOS de todos os sistemas para portas, janelas, terraços, barcos e praias
BARRACAS para jardim, campo e praias
Capas e fatos de oleado para homens, senhoras ou crianças
Endereço telegrafico: FABRICADOS Endereç telefonico: C. 3315
FABRICA PORTUGUESA DE ENCERADOS, L.DA
Rua do Vale de Santo Antonio, 71
Lisboa

"DIARIO DE LISBOA" VENDE-SE, EM PARIS, NA RUE SAINT LAURENT, 3

Os Teatros

O caso do teatro Nacional

Lamentavelmente, o artigo que ontem inserimos a esse respeito trazia os graneis trocados. Apesar do precalço que tomou o artigo confuso, o leitor percebeu certamente o nosso intuito de colocar uma questão em termos de, com honra para todas as partes, se tentar uma solução conciliatoria.

Atrás do reposteiro

E' certa a vinda para Lisboa, definitivamente, do emprezario José Loureiro que, se retira do Brasil a séde dos seus negocios de teatro, não o faz por motivo de ordem financeira, visto ser o mais solida possivel a sua situação monetaria, mas simplesmente por circunstancias de ordem sentimental, a que não são estranhas certas injustiças de que vinha sendo alvo por parte de alguns elementos adversos aos homens da colonia portuguesa no Brasil, que melhor se teem esforçado por honrar as tradições da nossa terra. Crêmos que a vinda para Portugal do arrojado emprezario implicará uma transformação em alguns dos actuais negocios de teatro, sendo certo que, para elo, se vae construir, de facto, um novo teatro em Lisboa.

—Partiu hoje para o Porto o sr. Henrique Alegria, ex-director da «Iavicta-Film», a tratar de negociações que se prendem com a sua empreza cinematografica, «Patria-Film», a qual dentro em breve iniciará activamente os seus trabalhos.

—A entrada do sr. Henrique Sant'Ana, como socio da empreza exploradora do Aguia de Ouro, na proxima temporada, implicou a sua nomeação definitiva para o cargo de ensaiador da respectiva companhia e a renuncia, amigavel, do contracto, em negociações, do seu colega Augusto Soares, ainda assim instantemente solicitado a, pelo menos, ensaiar a primeira revista a subir á scena, «Tiro ao Alvo».

—Completou ontem 50 representações, no Nacional, do Porto, a revista «Piparote», cuja media de receitas anda á volta de dois mil e quinhentos escudos.

—O actor Nascimento Fernandes, que recusou recentemente um contracto para um teatro de declamação, de Lisboa, pensa em organizar, fora de tudo quanto se tem feito até agora, uma companhia que, percorrendo as principais cidades e vilas do continente e ilhas, dê a impressão clara dos progressos do teatro nos ultimos tempos, indo, portanto, provida de todos os materiais indispensaveis.

—Em S. Carlos sobe á scena no dia 28 do corrente a peça historica de grande espectaculo, original de Silva Tavares, «Vasco da Gama». A recita é dedicada a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que a ela assistirão.

—Realisa-se hoje no Apolo a recita dedicada aos escritores portuenses Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, autores da revista-fantasia «Cigarro brejeiro», em scena no Apolo.

—A companhia italiana, que está dando os seus ultimos espectaculos no Coliseu dos Recreios, representa hoje, pela primeira vez, a opereta «A rainha do fonografo».

—Passa-se em Italia, na actualidade, a acção da nova opereta «Miss Issipi», que ámanhã sobe á scena no S. Luiz, em segunda recita de assinatura, sendo os principais personagens desempenhados por Auzenda de Oliveira, Aldina de Sousa, Sofia dos Santos, Laurinda de Almeida, Sales Ribeiro, Vasco Sant'Ana e Sebastião Ribeiro.

—Consta que alguns artistas da companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, que foram alunos laureados da Escola de Arte de Representar, vão requerer, em harmonia com a lei, o seu ingresso no quadro dos escriturados do teatro Nacional. Nestas condições estão Maria Matos, Hortense da Luz e Joaquim Almada.

—Brunilde Judice, cujo sucesso no Brasil, com a companhia Lucilia Simões, tem sido ruidosissimo, pensa, segundo cartas recebidas em Lisboa, abandonar, com sua mãe, Maria Judice, aquela companhia, parecendo que lhes não seria dificil encontrar situação proeminente numa companhia de declamação de Portugal.

—Está em Lisboa o sr. Frederico Mayer, proprietario do novo teatro que se está construindo na Avenida da Liberdade, um pouco acima do teatro Avenida, e cujas obras, dirigidas pelo engenheiro Touzet, se estão activando aceleradamente para uma proxima inauguração daquela casa de espectaculos.

POLITEAMA : HOJE :
- A DAMA DAS CAMELIAS -
com Palmira Bastos no papel de protagonista

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
47, RUA DO CARMO, 74

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — **A Cidade** — CRONICAS E ENTREVISTAS

AS HORAS NEGRAS DA REPUBLICA

O que se passou no Arsenal de Marinha

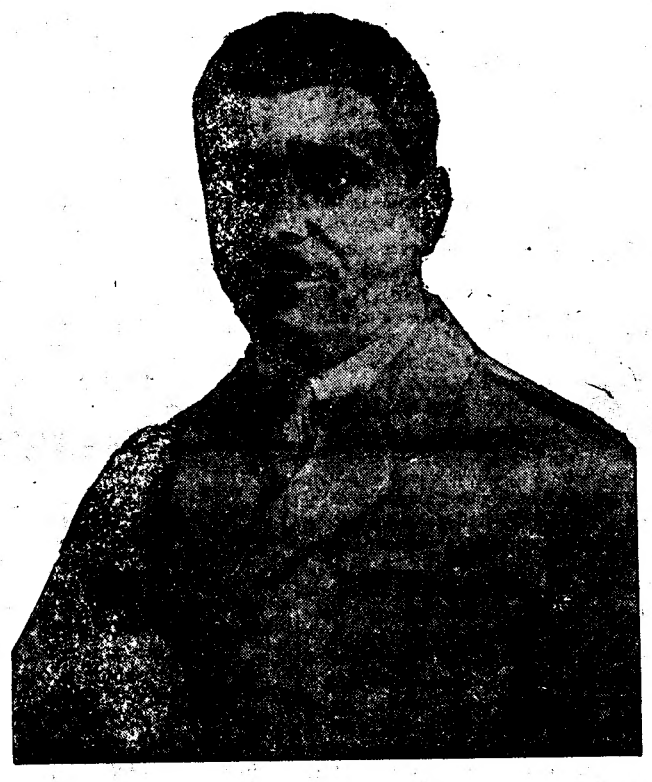
segundo o testemunho de CUNHA LEAL

"Matem, que matam um bom republicano!"

foram as ultimas palavras de Antonio Granjo

(Reconstituição de L. Consiglieri Sá Pereira)

UM ANO DEPOIS...



CUNHA LEAL

Decorrido um ano, pregunta-me você que reflexões me sugere o 19 de Outubro. A tal pregunta, duas preguntas opônho: — Se os homens que organizaram o movimento ou a ele prestaram chefia, tivessem podido avaliar as suas tragicas consequencias, ter-se-hiam prestado a semelhante papel? E, neste momento, se ha ainda quem considere os golpes de força como o remedio de maior excelencia para a crise que nos assoberba, teem as pessoas que esse criterio mantenham, a serem honestas, o direito de esquecer o 19 de Outubro e, implicitamente, o de deixarem de formular a hipotese de provabilissima verificação, do renovamento — em maior escala, quem sabe? — dos tragicos acontecimentos cujo primeiro aniversario hoje passa?

CUNHA LEAL

Um movimento revolucionario . . . ordeiro, aquele de 19 de outubro. O governo capitulára sem combate ante um pronunciamento que, por abranger a quasi totalidade da guarnição, parecia não passar de uma parada de fôrças nas terras do parque Eduardo VII. E, se a disciplina das tropas não fôra alterada por aquela insurreição de agaloados, na das ruas tão pouco houvera quebra, porquanto, áparte a alteração na fisionomia citadina, provocada pela forçada suspensão da vida comercial, todos se limitavam a olhar serenamente o desenrolar dos acontecimentos, mantendo uma apatia que, não significando aprovação ou reprovação, apenas queria dizer— surpresa.

Uma surpresa tão grande que até abrangia os politicos de acção mais saliente, deixando-os perplexos, irresolutos. Na verdade, os avisos tinham-se sucedido nas ultimas semanas, quanto á proximidade, da revolução. Mas quem os acreditava? Que se procure derrubar pela violencia um ditador que tão mau uso faça do poder, que contra si concite o odio de um povo, compreende-se. Mas o que o entendimento das pessoas de boas intenções não lograva alcançar, era a conveniencia da execução de um acto de fôrça, como remedio heroico a uma crise cujas multiplas causas tinham pontos de partida tão diversos e de tão dificil pesquisa.

I—Antonio Granjo, em fuga, pede a Cunha Leal asilo em sua casa

Cunha Leal pertencia ao numero dos politicos a quem o movimento militar encontrava naquela disposição de espirito. A despeito de repetidos e sempre recusados convites para prestar a sua colaboração, duvidára de que os seus promotores tivessem a triste coragem de lhe dar execução; por isso, entre surpreso e sereno, aguardava na sua residencia da avenida Miguel Bombarda, o epilogo dos acontecimentos. Sua esposa fazia anos e, homem de habitos familiares, contava esse dia de 19 de outubro como de festa. Na sala de jantar, acompanhado de Julio Pires, Pinto de Lima e Carvalho dos Santos—que, das pessoas que então o acompanhavam politicamente, pertenciam ao numero das de mais apertada intimidade—o ex-ministro das Finanças apreciava friamente a situação. Dava balanço ás probabilidades de triunfo de facto dos revolucionarios, acreditava mesmo nele mas, quanto ao triunfo politico, á realização de uma obra, por minima, a descrença manifestáva-se-lhe em palavras nascidas de uma analise desapaixonada da situação. Era quasi ele só a falar.

De quando em quando, havia quem assomasse ás janelas, num receio. E' que, pelas avenidas novas—algumas, como aquela, ainda em esboço semeadas de esqueletos de edificações—andavam revolucionarios aos grupos, partidos do proximo parque Eduardo VII. Muitos não tinham objectivo. De carabina ao ombro, limitavam-se a passear a sua belicosidade por aquelas arterias reputadas de aristocraticas, numa manifestação de fôrça que lhes dava contentamento. Mas a maioria, como que obedecendo a uma palavra de ordem, convergia para a rua João Crisostomo, que corre paralela á avenida Miguel Bombarda, apertando num cordão de aço a residencia de Antonio Granjo, que, assinada horas antes no Carmo a carta em que déra conta ao Chefe do Estado da sua demissão, julgára poder regressar em paz ao seu lar.

Mas nada anunciava novidade de vulto. Tranquila, a cidade, a despeito do golpe militar. Tranquilidade tão acentuada, que nem um só tiro se ouvia. Subito, um toque de campainha brando, discreto, como que de pessoa alheia á casa, quebrou a conversa de que os acontecimentos constituiam o têma. Quem seria? Uma surpresa, em tais circunstancias, era muito provavel. E, nesse receio, Cunha Leal foi pessoalmente abrir a porta. Era Antonio Granjo. Palido, acabrunhado, um acabrunhamento em que, no entanto, transparecia, forte, o desejo de marcar uma atitude de dignidade, alheia a covardias, o chefe do go erno em derrota fitou, numa ultima indecisão, aquele que no Parlamento com ele tantas vezes se defrontára. No rosto reflectia-se-lhe a fadiga de uma noite de tanta incerteza que, á vontade, se lhe poderia atribuir a valia de um seculo. Na sua voz roufenha, apagada, pobre de inflexões, expôs ao que ia. Eram palavras em que, simultaneamente, transparecia nobreza, resignação, o desejo de se salvar. E contou:—Vinha fugido a um grupo de marinheiros, civis e soldados, que tentára assaltar-lhe a casa. Acompanhava-o um amigo —de apelido Simões—em casa do qual sua esposa já encontrára refugio e, agora, batia á porta do seu antagonista politico, para pedir, por favor, que lhe désse guarida até ao principio da noite. Depois, a coberto das trevas, cuidaria em reunir-se a sua esposa.

Cunha Leal, perplexo nos primeiros momentos, prontamente recobrou a serenidade. Não precisou de consultar a inteligencia; homem de sentimento, no seu coração feito de generosidades encontrou resposta pronta. Semanas antes, o exacerbamento da paixão politica, levára-o a querer bater-se em duelo com Antonio Granjo; há pouco ainda, e a pedido deste, é que as anteriores relações de cordealidade se tinham reatado. Mas nada disso existia naquele momento, e as palavras soltaram-se-lhe dos labios, numa explosão de franqueza, de sinceridade. Que Antonio Granjo se considerasse como que em sua casa porque a honra era só dêle, Cunha Leal. No pronunciamento, não participára em pouco que fosse; porém, como nêle tinham intervenção alguns dos seus amigos pessoais, estava em crêr que lhe respeitariam a residencia.

Poucos minutos durou este dialogo. O perseguido politico daquele momento, agradeceu, enternecido, o procedimento de quem, a querer dar á sua vida de homem publico uma pronta conclusão triunfal, com facilidade empolgaria e manejaria em seu proveito, a insurreição em marcha.

Como conseguira Antonio Granjo chegar a casa de Cunha Leal? Ele o referiu aquelas quatro ou cinco pessoas que, minutos antes, se limitavam á observação dos acontecimentos mas que, porque nêles os envolvera a brusca aparição do ex-presidente do ministerio, agora sentiam redobrar o seu interesse. As trazeiras da sua residencia da rua João Crisostomo, dão para as de um predio contiguo áquele em que vivia o seu hospedeiro. Havia quatro ordens de quintais divididos por fracas vedações, a separá-las. Antonio Granjo, sentindo que dentro de pouco tempo os revolucionarios que lhe bloqueavam a casa iriam um pouco alem das palavras, tomou uma resolução e tentou a travessia. O exito coroou-a, pois que, alem de facil, dêla ninguem se apercebera. A dar ligação ao predio em que ficava a residencia de Cunha Leal, havia uma escada de salvação. Mas Granjo, fugindo a tudo que podesse constituir ridiculo ou covardia, dispensou-a, conseguindo descobrir, após algumas pesquizas, um corredor subterraneo que dava ligação á escada ordinaria. Desta ultima parte da sua evação, tambem ninguem deu fé, pelo que, ao bater á porta de Cunha Leal, Antonio Granjo considerou-se meio salvo.

Mais á vontade, na pequena sala de jantar, Antonio Granjo conseguiu arrancar ao seu abatimento um sorriso. Para alem da avenida, em construção ainda, corriam campos cobertos pela fresca relva do outono e nêles entreteve o olhar. Depois, como que a serenar, a confirmar a primeira impressão de segurança recebida durante aquele longo dia de incertezas, preguntou por novidades.

—Então? Que há?...

Porque nada sabia, aquele pobre presidente de ministerio que, na hora da revolta, apenas encontrara em torno de si pouco mais que uma dezena de oficiais e, esses mesmos, muito longe de um desejo de resistencia.

Contaram-se coisas; apresentaram-se as poucas noticias que tinham galgado aquele modesto segundo andar das avenidas novas. Porém, a conversa arrefeceu depressa. Falava-se a custo e ninguem se sentia á vontade perante aquele vencido. Mas Granjo, sempre em duvida, indeciso como na primeira hora do pronunciamento, interrogou:

—Mas o que é que eles querem?

—...

Um silencio longo, pesado, incomodativo. Carvalho Santos, quebrou-o com a recordação de um boato:

—Doutor. Mas eles dizem que você tinha ido para Mafra...

—Não. E' absolutamente falso. Estive sempre no ministerio.

E relatou quanto procurára fazer durante o dia e a manhã, para reprimir o movimento. Finalizou, com uma confissão:

—Ao reconhecer a minha derrota, reconheci simultaneamente que já não me era possivel sair de Lisboa. De contrario, embora isso se prestasse á troça, teria ido para Colares ou qualquer outro arredor, esperar que passasse a trovoada. Pois se o sr. Presidente da Republica me tinha dado a demissão.

A franquesa de Granjo, restabelecera o á vontade. A conversa prosseguiu, mais animada agora. Houve quem lhe lembrasse um con-

(*Vêr continuação na 6.ª pagina*)

A NOITE SANGRENTA

O depoimento do capitão Cunha Leal

(Continuação da 5.ª pagina)

selho de Cunha Leal para abandonar o poder e ele, desolado, retorquiu:

—Mas é que me convencera de que não havia nada... Todos os oficiais a quem, pela sua hierarquia, tinha o direito de fazer preguntas, garantiam que tudo estava bem, que nada receasse, que não haveria novidade de vulto...

Assim correram alguns quartos de hora. Antonio Granjo fumou um cigarro. Bebeu chá. Naquele ambiente tranquilo, mostrava-se mais satisfeito, voltando-lhe a sua franqueza de transmontano, a habitual loquacidade. Quantos ali estavam, procuravam dar áquela inteligencia rudemente abalada, uma cada vez maior impressão de segurança, e falavam tambem, contando as suas esperanças no futuro.

Mas o artificio não pode ser mantido muito tempo. A gravidade da situação patenteou-se novamente, ante o aviso de uma visinha á esposa de Cunha Leal, de que os quintais estavam cheios de soldados e civis armados, que tinham conhecimento da estada ali do «leader» liberal, por denuncia de uma porteira do arruamento. Ele sobresaltou-se, mas Cunha Leal recordou-lhe, de novo, o seu conhecimento pessoal com alguns dos dirigentes revolucionarios, manifestando a convicção de que respeitariam a sua residencia. Rematou:

—Você já aqui se encontra ha uma hora. Ainda não houve novidade. Espero, pois, que tudo acabe em bem.

Passou um quarto de hora mais. Chamados Pinto da Lima e Julio Pires á Baixa, por afazeres inadiaveis, Antonio Granjo ficou tendo, por unicos companheiros, Cunha Leal e Carvalho dos Santos. Ele começava a sentir a visinhança da morte e o abatimento voltou, agora mais acentuado, ante a inutilidade da resistencia.

II—«Emquanto tiver balas e revólver, resistirei!»

Entretanto, o cerco apertava. Tanto a avenida como os quintais, estavam cheios de gente armada. Mas os assaltadores do lobo não tinham pressa. Aguardavam pacientemente que a fera, extenuada, vencida até no desejo de se salvar, se colocasse ao alcance das suas carabinas.

Na casa de jantar começava uma varanda que corria ao longo das trazeiras da habitação. A' cautela, Granjo recolheu a um compartimento contiguo, que servia de sala de fumo e estava provido de dois telefones, um da rede publica, outro da rede do Estado.

A precaução não fôra desacertada. D. Maria José, esposa de Cunha Leal, apareceu, alvoroçada, a communicar que um civil, magro, de estatura mediana, capa de borracha no braço, subira, acompanhado de dois soldados da G. N. R., a escada de salvação, estando junto á porta da cozinha. Resoluto, ele foi ao encontro do grupo e, serenamente, a pezar as palavras, gritou-lhe:

—Por não ser revolucionario, nem nada ter ou querer ter com a revolução, esperava que aqueles dos meus amigos que estão entre a vossa gente, impedissem o minimo vexame á minha pessoa. A bem, em minha casa, só entra um homem com galões; exijo da Junta Revolucionaria, que tenha essa atenção para comigo. Do contrario, se alguem aqui pretender entrar, encontrará uma resistencia, que irá até á ultima bala do meu revólver! Vão dizer isto ao *comité*.

Fecharam-lhes a porta nas caras, num gesto de violencia. Mandou cerrar as janelas. Perante a sua disposição de vender cara a vida e a que á sua guarda se confiára, os homens, confundidos, retiraram-se.

Não entanto, se a primeira tentativa de assalto, tão facilmente fôra dominada, nada garantia que o mesmo sucedesse á segunda. Tornava-se, pois, desesperada a situação. Carvalho Santos, num ultimo recurso, pede ligação, por intermedio do telefone oficial, para a presidencia do ministerio. Da central telefonica, o empregado declara ser necessaria uma autorisação da Junta Revolucionaria e, só muito instado, faz a ligação tão urgentemente pedida. Então, do Terreiro do Paço, fala o capitão Sousa Guerra, comandante da força insurrecioaal que ocupara as repartições publicas. Carvalho Santos, do conhecimento particular do oficial revoltoso, diz-lhe:

—Acontece, capitão, que, em volta da casa do Leal, tanto na avenida como nos quintais, a pretexto não sei de quê, se estão a formar grupos militares e civis, decerto no proposito de a assaltar. Já houve, mesmo, uma tentativa, que com algumas palavras se dominou. Mas nós não acreditamos que estas coisas se façam com consentimento da Junta e você, Sousa Guerra, ha de reconhecer que, com consentimento ou sem ele, um ataque desta ordem, a uma pessoa como o Cunha Leal, não faz sentido.

—E' claro. Cunha Leal está aí? Se está, diga-lhe que chegue ao telefone.

A conversa, seguida anciosamente por Antonio Granjo, concluiu com este pedido de Cunha Leal:

—Pretendem invadir-me a casa, a pretexto de que tenho alguem escondido. Já tentaram uma busca. E' absolutamente necessario que tu passes pelo sitio em que se encontra a Junta Revolucionaria, para pedir ao Afonso de Macedo e ao Virgilio Costa, para virem até minha casa.

—Parto imediatamente. Procurarei avisá-los. Mas esteja descansado porque, caso os não encontre, irei aí sósinho.

Estava mais bem disposto, Antonio Granjo. Tudo acabaria em bem e, no seu coração, a esperança renascia.

III—"Uma festa que você queria alegre, venho eu transforma-la em jantar funebre"

A tarde findava. Pouco faltava para as seis horas e o presidente do ministerio derrubado muito esperava das trevas. Tomára como cousa assente, pelo menos, a vinda de Sousa Guerra, mas, a aparecerem tambem Afonso de Macedo e Virgilio Costa, confessar-se-lhes-hia a presença de Antonio Granjo, cuidando-se da sua evasão, debaixo do compromisso, para ressalvar as responsabilidades daqueles membros da Junta, de não hostilisar a revolução. Ao falar-se em tal, ele retorquiu, numa sinceridade evidente:

—Como é que eu, honestamente, posso dar ordens ou fazer qualquer cousa?

Mas o tempo corria com uma lentidão desesperadora. Era preciso entrete-lo. Recentemente produzira-se em Macau um acontecimento de vulto e Antonio Granjo explicou longamente qual a atitude das potencias interessadas no Extremo Oriente. A critica situação do tesouro mereceu-lhe, tambem, largas referencias.

Emquanto falava, um dos trez filhos de Cunha Leal, o Zeca, brincava com ele, cabriolando por entre as pernas. O pai repreendeu-o. Mas Antonio Granjo definiu com as palavras seguintes um estado de alma que a todos inspirou compaixão:

—Deixe o garoto. Neste momento sinto a necessidade de um pouco de carinho...

Desta maneira, chegou a hora de jantar. Quando Granjo limpava as mãos no lavabo, cuja porta abria para o corredor de entrada, ouviu-se uma campainhada. Cunha Leal, ao abrir a rotula, viu um cabo da G. N. R. Este, disse-lhe:

—Meu capitão. Sou muito seu amigo e queria evitar-lhe qualquer desgosto. Se quizesse, combinavamos a forma de entregar o dr. Antonio Granjo, sem que ele o suspeitasse...

—Parece impossivel que exista quem faça uma proposta dessas a um homem de honra! Isso não fica bem a um homem que veste uma farda. E' uma indignidade!

Antonio Granjo, que, no corredor, apanhara a ultima frase no ar, preguntou, surpreso, a Carvalho dos Santos:

—Que indignidade seria aquela?!

O jantar, triste jantar de anos, ia começar. Antes, Agatão Lança preguntara telefonicamento o que se passava. O dono da casa deu-lhe a resposta que segue:

—Julgam que eu tenho alguem escondido na minha residencia e pretendem assalta-la. Você venha cá, porque, sem aparecer um oficial com mais galões do que eu, não abro a porta.

—Ouça: quer que eu vá já ou depois do jantar?

—Não. Jante primeiro. Venha depois.

Agatão Lança ficou indeciso. Que havia, afinal? As palavras de Cunha Leal, por prudencia, não deixavam transparecer a gravidade da situação e ele não sabia o que pensar da urgencia da sua colaboração.

A refeição, a principio tomada como a medo, animou-se depois. Contaram-se episodios revolucionarios. Cunha Leal descreveu o assedio de Santarem; Carvalho dos Santos, perseguições do dezembrismo. Antonio Granjo tambem teve que contar. Riu-se, mas as gargalhadas tinham um som de moeda falsa. A certa altura, Cunha Leal, voltando-se para o *leader* liberal, disse-lhe:

—Você sabe? Minha mulher fax hoje anos.

Granjo fez uma venia. Guardou silencio um segundo. Depois, comentou, confrangido:

—Ora veja, Leal. Uma festa que você quereria fosse alegre, venho eu transforma-la num jantar funebre...

Brindou-se pela esposa de Cunha Leal, por Antonio Granjo e pela Republica. Entretanto, estrava-se francamente na noite. Reparou-se que o capitão Sousa Guerra ainda não chegára, apesar de já terem decorrido duas horas desde que com ele se comunicára telefonicamente. Carvalho dos Santos sugeriu:

—Como o Guerra não aparece, eu vou ver se consigo falar com alguem da Junta, para arrumar isto de vez.

Aprovado o alvitre, Carvalho dos Santos despede-se. Mas tambem ele é mordido pelo presentimento das horas sangrentas do Arsenal:

—Bem, adeus doutor. Ou até logo, ou... sei lá até quando!

IV—"Isto tudo é por ele lá ter o Granjo,,

As trevas abraçaram estreitamente a cidade. Fôra, Carvalho dos Santos não viu ninguem. Reinava o maior socego nas ruas vizinhas e até a porteira o avisou «de que os do cêrco já se tinham ido embora». Avenidas abaixo, ainda procurou tomar contacto com qualquer força que policiasse as imediações da residencia do sr. Presidente da Republica. Mas o dr. Antonio José de Almeida estava tambem abandonado e á sua porta não havia sequer uma patrulha a garantir-lhe a vida. Seguiu. Em volta, era tudo trevas e, para as bandas da Rotunda, ouuviam-se tiros isolados. Indeciso, chegou a falar ao telefone para Cunha Leal, comunicando-lhe que o perigo era passado. Mas, depois do dialogo, reconsiderou e prosseguiu, sempre na espectativa de ser prostrado por uma descarga dada de surpreza a qualquer esquina, a caminho do arraial dos revolucionarios.

Encontrou um oficial. Pediu-lhe indicações e lá prosseguiu a marcha, até encontrar a primeira linha de vedetas que, dificilmente e apoz demoradas negociações, conseguiu forçar. Galgadas as terras do Parque, pouco lhe custou chegar ás primeiras instalações do acampamento. Ali logrou falar com o capitão Martins, da G. N. R., que não pôde providenciar, por lhe ser impossivel sair do local. Mas, dando-lhe um soldado por guia, mandou-o para o quartel das metralhadoras, onde funcionava a Junta. O capitão Loureiro, que dela fazia parte, atendeu-o. Homem cheio de rudeza, objectou logo ás primeiras palavras de Carvalho dos Santos:

—Está bem. Você tem razão. Mas isso tudo é por ele lá ter o Granjo... Os *tropas* ainda nós aguentamos, mas os civis é o diabo! O melhor, seria o Granjo concordar em vir para aqui, por exemplo, passando-se depois a busca a casa de Cunha Leal.

—Sim, mas isso é na hipotese de lá estar o dr. Antonio Granjo. Mas é que não está. O Leal até desejava que lá fosse alguem da Junta.

— Pois bem. Irei eu.

O capitão Loureiro desapareceu para só reaparecer daí a três quartos de hora. Não teve uma palavra para Carvalho dos Santos. Dirigiu-se para um automovel e só quando este já estava em andamento, é que o chamou:

— Olhe, venha atraz de mim.

Carvalho dos Santos teve de correr um bom bocado para agarrar o auto. Quando chegaram á porta de Cunha Leal, encontraram-se com um outro em que estavam Agatão Lança, Afonso de Macedo e Jacinto Simões.

— O' Lança, que é isto?

E aquele oficial de marinha, que só ao fim de imensos trabalhos conseguira arranjar um meio de transporte, respondeu laconicamente:

— Já levaram o Granjo e o Leal para baixo, num *camion*.

V—"Quero acompanhar Granjo, sujeitando-me a tudo que ele passar".

Que sucedera? Pouco depois de saír Carvalho dos Santos, o guarda-portão do predio, um homem chamado Costa, subiu a escada de serviço e veiu dizer a Cunha Leal:

— O guarda da casa do sr. dr. Antonio Granjo manda dizer que nas trazeiras não ha, agora, ninguem. Talvez a ocasião fosse boa para tentarmos passar o sr. presidente para qualquer outra casa.

— Desconfio disso — respondeu aquele parlamentar — andam obras na vizinhança e podem estar metidos nalgum esconderijo. Você vai pôr-se em observação. Se não notar, de facto, movimento nestas duas ou três horas mais proximas, venha dize-lo.

E, já dentro de casa, disse para Antonio Granjo:

— Eu dei esta resposta, porque desconfio de tanta fartura.

De facto, no dia imediato, o porteiro contou a Cunha Leal que, mal descera a escada, vira num quintal proximo um individuo acocorado, com a espingarda pronta a fazer fogo.

Eram oito e três quartos quando se apresentou um guarda-marinha chamado Benjamin Pereira, que poucos dias antes procurára Cunha Leal, a fim de obter a intervenção de Antonio Granjo junto do ministro da Marinha, a fim de terminarem as perseguições de que dizia ser victima na corporação. Introduzido na sala de visitas, ele apresentou os intuitos da sua vinda da forma seguinte:

Estando junto do major da G. N. R., Arez, e do capitão Sousa Guerra, ouvira pedir licença para assaltarem a casa de Cunha Leal e para matar o dr. Granjo. Invocava, pois, a sua amisade pelo antigo deputado popular e a circunstancia do favor pedido ao presidente do ministerio, para explicar a sua presença ali. Estava na intenção de evitar qualquer desacato de que resultasse a morte do *leader* liberal e vinha propôr que o deixassem saír com ele, pois a sua honra responderia pela conservação dessa vida. Antonio Granjo iria para bordo do *Vasco da Gama*, onde permaneceria alguns dias, mas nunca na situação de preso.

Cunha Leal respondeu, pouco mais ou menos, da maneira seguinte:

— Eu acredito na palavra de honra de toda a gente. Mas não quero que Antonio Granjo possa supôr que o conselho que eu lhe dê de seguir as indicações do Benjamin, significa o desejo de o pôr fóra de casa, livrando-me assim de um hospede incomodo. Portanto, exijo de você que me deixe acompanhar o presidente do ministerio, sujeitando-me a tudo porque ele passar. E, se o Benjamim, depois de prometer que nunca me separará de Antonio Granjo, faltar á sua palavra, obrigar-me-ha a queimar os miolos com uma bala.

Benjamin Pereira mostrou-se conforme com quanto ouvira. Cunha Leal foi, sósinho, informar Antonio Granjo do que se passava, pedindo-lhe este que não o acompanhasse. Durante a ausencia do seu hospedeiro, dissera para uma irmã deste, que nesse dia estava em casa:

— Se ao menos me deixassem ficar aqui preso em casa do Leal...

VI — «O' rapaziada! Fura-se o «gajo» já aqui»

Era caso assente a partida de Antonio Granjo e Cunha Leal para bordo do *Vasco da Gama*.

— Não será conveniente levarmos os sobretudos? — lembrou este ultimo.

Ao que Benjamim Pereira objectou: — Não é preciso. Lá a bordo ha camas muito fofas e até *edredons*.

— E livros? Não quere levar alguns, doutor?

— Tambem não é preciso. No *Vasco da Gama* ha uma boa biblioteca.

Sairam. No corredor, Granjo, depois de pedir licença a Cunha Leal, ofereceu ao Zeca, o filho mais velho, uma nota de um escudo, metida numa caixinha de madeira que servira a cigarros. A' porta, entregou a pistola ao guarda-marinha. Cunha Leal teimou em continuar com a sua e conseguiu-o. Um marinheiro que estava no patamar objectou, num grande tom de sinceridade:

— Não, sr. Leal, não é preciso. Nós não somos nenhuns bandoleiros.

Entretanto, uma vizinha que estava á janela e que foi mandada retirar para dentro, sob a ameaça de ser alvejada a tiro, ouviu gritar do *camion* em que, á porta, aguardavam os prisioneiros: — «O' rapaziada! Fura-se o *gajo* já aqui?!».

Antonio Granjo e Cunha Leal sentaram-se ao lado do *chauffeur*. Em pé e ao lado, seguiu Benjamim Pereira. Atrás, no vazio do carro, cêrca de uma dezena de marinheiros. O guarda-marinha avisou:

— Vamos para o Arsenal pelos sitios mais escusos e onde não se vejam grupos.

E ao partir: — Por aí não, que ha gente escondida nessas casas em construção.

O carro, mudando de rumo, seguiu. Qual

(*Vêr continuação na 7.ª pagina*)

O 19 DE OUTUBRO

A morte tragica de Antonio Granjo

(Continuação da 6.ª pagina)

o trajecto? E' dificil reconstitui-lo. Quem nos forneceu estes informes disse-nos que talvez o *camion* tivesse passado ao Rato, rua da Escola Politecnica, Patriarcal. largo de S. Roque, Chiado e rua Nova do Almada. O que é certo, o que é absolutamente verdade é que, num dado momento, passou em frente do portão do Arsenal. Admirado, Cunha Leal reparou que seguiam em direcção ao Terreiro do Paço. Pensou: Talvez nos queiram desviar do Arsenal da Marinha, embarcando-nos na ponte do Sul e Sueste. Mas não. Benjamim Pereira conduziu os seus prisioneiros para os lados do Arsenal.

Ouviram-se gritos: *Cá vai preso o homem, cá vai preso o malandro!* A vozearia ia num crescendo assustador. Pediam, raivosamente, numa ansia de sangue: — *mata-se, mata-se já!* Cunha Leal, de pé, escudando com o seu corpo Antonio Granjo, invectivou a turba. Energicamente, disse que nem ele nem o presidente do ministerio tinham medo das balas deles, uma vez que já tinham sentido as balas dos alemães. Era covarde e vil tal procedimento. E só essa atitude audaciosa do revolucionario de Santarem, auxiliado pela energia nesse momento revelada pelo alferes Lopes Soares, agora oficial da policia, conseguiu fazer baixar as carabinas erguidas.

O *camion*, depois de chegado ao Ministerio do Comercio, retrocedeu, seguindo de novo para o Arsenal. Ali, entraram sem novidade. Cunha Leal e Antonio Granjo apearam-se junto ao pavilhão que se ergue á esquerda de quem entra naquele estabelecimento do Estado. A' porta estavam varios oficiais. Que lembre ao nosso informador, os srs. Falcão, Luis Ramos, depois ministro da Marinha, e Madeira, este ultimo vestido á paisana.

Eram nove horas e meia da noite. A sala de ordens, constituida pelo rés-do-chão do pavilhão, estava bem iluminada. No largo, onde tambem não faltava luz, havia alguns civis armados de carabinas e pistolas, soldados da G. N. R. e marinheiros. Nessa altura, pessoas conhecidas e outras desconhecidas rodearam Cunha Leal, levando-o á força para o largo que enfrenta á secção do edificio em que funciona a direcção das construções navais. Ha quem o censure por ter dado hospitalidade ao *malandro do Granjo*. E ele, então, num sentimento de orgulho, ainda teve coragem para lhes gritar que tinha efectivamente dado hospitalidade ao presidente do ministerio demissionario, que era um homem honrado, que com a utilização da sua casa o honrava!

* * *

O grupo que rodeia Cunha Leal engrossa rapidamente. Pretendem afastá-lo. Ele resiste, invectivando, lançando áquela gente os piores insultos. Descobre Benjamim Pereira entre a multidão e grita-lhe:

— Eu saí de casa com a sua palavra de honra em como me não separaria de Antonio Granjo. Reclamo o cumprimento dessa peomessa!

A turba, enraivecida, reclama a prisão de Cunha Leal. Mas ele nada receia. Continua a insistir, arrancando, por fim, ao guarda-marinha, a garantia de que iriam ambos presos para bordo.

—Presos? Mas não foi isso o que combinámos. Eu e o Granjo vimos passar apenas uma noite ao rio!

A confusão aumenta. Cunha Leal continua a reclamar que seja levado para junto do presidente do ministerio. Há uma altura em que um marinheiro, a coberto da gritaria que se ouve em todos os cantos do Arsenal, lhe segreda ao ouvido, muito baixinho, numa aflição que dificilmente disfarça:—Tenham cuidado com a entrada no *Vasco da Gama*.

Por fim, Benjamim Pereira conduz Cunha Leal para um rebocador que estava ao fim da ponte grande, dizendo-lhe que esperasse ali por ele, que ia buscar Antonio Granjo. Seguiriam depois, imediatamente, para o navio-chefe.

—Vá buscar já o Granjo. Se não aparece com ele, obriga-me ou a queimar os miolos, ou a lançar-me ao mar.

Cunha Leal fica só. Um sargento vai ter com ele e a conversa estabelece-se. O oficial inferior lamenta a frequencia dos movimentos insurreccionais, que tanto perturbam a vida do país e a da corporação de que faz parte. Um dos marinheiros do gazolina oferece-se a Cunha Leal para ir, secretamente, todos os dias, ao *Vasco da Gama*, a fim de trazer quaisquer recados. Subito, uma sentinela que há minutos já observava o grupo do alto da ponte, pregunta com rudeza, desrespeitosamente, ao sargento:

—Quem é esse malandro que está aí?

—Não sei; não sou policia!—responde este, escapulindo-se. O marujo, então, ajoelha e, ao mesmo tempo que dispara a arma, exclama raivosamente:

—Não és policia? Então, aí vai para ti e para ele.

O homem continua a disparar a arma e a preguntar a Cunha Leal a identidade. Este, que se abrigára com a amurada do barco, aproveita uma curta interrupção do tiroteio para responder, inquebrantavel sempre:

—Sou um parvo chamado Cunha Leal, que tem tido a desgraça de andar metido com vocês!...

—Ah! Bem sei. E's o patife do ex ministro das Finanças!

E, sempre ajoelhado, continua a fogo. Cunha Leal, que o segundo tiro ferira na garganta, ajoelha, reduzindo a superficie do alvo. Só quando a sentinela cessou fogo, se ergueu, exclamando:

—Já deves estar satisfeito...

E, acompanhado por dois marinheiros que aparecem no local, sobe a escada da ponte para ir ao posto de socorros. Tinha o peito inundado de sangue e ignorava a gravidade dos ferimentos. Quando passou ao pé do seu agressor, este quiz disparar de novo. Os camaradas impediram-no disso. Mas ele impôs, carabina sempre apontada, que Cunha Leal regressasse ao barco. Não se podia dominar o energumeno e o ferido voltou á sua anterior situação. Só então deliberou refugiar-se numa das camaras. Decorridos uns dez minutos, apareceu um marujo com uma vela acesa que, depois de lhe observar os ferimentos, comentou:—Já lá tem uma boa conta!

* * *

Decorrem mais uns cinco minutos. Cunha Leal consegue abandonar o gazolina. Emquanto alguns marinheiros lamentam a ocorrencia, outros erguem as carabinas, na intenção de liquidar o defensor de Antonio Granjo. Mas esse gesto de violencia não vai até á efectivação, provocando apenas a Cunha Leal uma frase em que ha muito desanimo e muita repulsa por tudo quanto o rodeia:

— A minha vida de pouco vale...

Mas Benjamim Pereira, que nesse momento reaparece, rectifica:

— E' sagrada!

Os primeiros socorros são rapidos. Cunha Leal, mal aplicados os pensos aos dois ferimentos da garganta e ao do peito, volta a preocupar-se com o homem que se confiara á sua guarda:

— Onde está Antonio Granjo?

Ha quem dê uma boa noticia:

— O doutor está entregue á guarda do sr. Carvalho Crato.

Já passavam cêrca de vinte minutos das dez horas da noite. Pretende-se fazer sair Cunha Leal num automovel e ele deixa-se conduzir, convencido de que a vida de Antonio Granjo já não corre perigo. Está palido, extenuado pelas emoções violentas recebidas durante o dia e a noite. A perda de sangue é importante. Chega a sentar-se no carro, com um sargento á esquerda e um enfermeiro á direita. A' frente, acocorados, dois marinheiros armados de espingarda. Quando passam o portão, preguntam:

— Quem vai aí?

—E' o senhor Cunha Leal.

Alguem completa: — O ex-ministro das Finanças...

Erguem-se imediatamente vozes, em protesto. Ha gente que quere mais sangue e que define esse desejo nestas palavras cheias de crueza:

— Mata-se! Para que ha de sair?...

Cunha Leal vê novamente armas apontadas ao seu peito rijo de lutador. Emquanto os seus companheiros se evadem, o *chauffeur* lamenta-se:

— Que mal teria eu feito para andar metido nisto?!

O ferido, pretendendo evitar que, por sua causa, alguem perdesse a vida, salta ao chão e volta a entrar no Arsenal. A gente que se comprime no tunel que lhe dá ingresso abaixa as armas, que momentos antes erguera na disposição implacavel de matar. E' singularmente prestigiosa a figura daquele homem que, o peito coberto de pensos, o fato transformado numa mancha de sangue, perante a morte, continua a manter a sua habitual serenidade.

Como que num sonho, levam-no até ao quarto n.º 3 do pavilhão dos oficiais de dia. Antonio Granjo, sentado numa das camas, a cabeça entre as mãos, medita. Ao ver Cunha Leal, o colarinho e a gravata cheios de sangue na mão, com o pescoço a gotejar ainda, exclama contristado:

— O' Leal! Por minha causa... Coitado!

—Não pense nisso! Não me magôe com essas palavras.

Aparece gente. Há qualquer coisa de estranho naquilo tudo. Cunha Leal ignora ainda como foi arrancado de ao pé de Antonio Granjo.

* * *

A Junta Revolucionaria, na pessoa do capitão Loureiro, resolvera intervir, como acima dizemos, no sentido de salvar a vida de Antonio Granjo. Deixámos Carvalho dos Santos na companhia daquele delegado á porta de Cunha Leal. Ali, num automovel, estavam Agatão Lança, Jacinto Simões e Afonso de Macedo. Ao saberem do que se tratava, seguiram imediatamente para a baixa.

A travessia da cidade não se fez sem perigo, pois no Rossio a fusilaria era intensa. A custo, o carro chegou ao Arsenal. Ali, um guarda-marinha, secundado por muitos marinheiros, soldados da G. N. R. e alguns civis, não queria deixar entrar Agatão Lança, os delegados da Junta e Carvalho dos Santos, a despeito de o primeiro declinar a sua identidade.

Agatão Lança insiste, mas o guarda-marinha mantem a sua recusa, Então, exasperado, grita-lhe:

—Guarda-marinha! Se me não deixa entrar, insulto-o á frente dos marinheiros!

E, voltando-se para eles:

—Sou o tenente Agatão Lança!

Os marinheiros lançam-se aos civis e soldados da G. N. R. e obrigam-nos a rasgar alas. Lança entra, seguido dos seus companheiros. Ao chegarem ao largo, deparam com um estranho espectaculo. Cunha Leal, em meio de um numeroso grupo de soldados e marinheiros, invectiva-os. Grita-lhes:—Os senhores teem o direito de serem assassinos, mas não o de se dizerem republicanos. Matem, se quizerem, mas não vexem!

Era precisa uma resolução. Agatão Lança, ousadamente, fala áquela gente. Recorda o seu amor aos marinheiros e a dedicação que eles sempre lhe demonstraram. Se não souberem respeitar republicanos como Antonio Granjo e Cunha Leal, terá de abandonar a sua farda de oficial da marinha.

Os marinheiros bradam, em arrependimento, para Cunha Leal:

—O' capitão! Foi por engano! Foi por engano!

Mas nem todos mostram igual convencimento. Há um soldado ou paisano, que aponta a espingarda ao craneo de Cunha Leal. Agatão Lança consegue evitar o crime. Baixa a arma e ordena que seja capturado o criminoso. Depois, procura fazer sair o ferido, a fim de o levar ao hospital. Os pensos desarranjaram-se e as feridas gotejam sangue novamente. Ouve-se uma voz:

—Vai até ao portão, mas ali é morto!

No entanto, Cunha Leal consegue sair. Os amigos, Carvalho dos Santos, Agatão Lança, Augusto Gomes, Jacinto Simões e Afonso de Macedo, fazem uma barragem e levantam aclamações ao antigo deputado popular. Os marinheiros secundam as aclamações com entusiasmo e dão palmas.

Já no hospital, Agatão Lança, para sossegar Cunha Leal, garantiu-lhe que seguia imediatamente para o Arsenal, a fim de velar por Antonio Granjo. Ao mesmo tempo, recomenda que não deixem sair o enfermo sem que ele regresse. Acompanhado de Jacinto Simões, volta ao Arsenal e, quando procura averiguar o paradeiro do presidente do ministerio, um paisano, sarcasticamente, dá-lhe a terrivel nova: — Um conseguiu o senhor salvar; o outro, já não salva.

Agatão Lança, desvairado, corre á sala dos oficiais. Os rostos, que reflectem a maior consternação, dizem tudo. O destemido tenente ainda duvida, ainda interroga: — Então, que há?

A resposta é sinistramente seca: — Mataram-no!

Agatão Lança tem um ultimo gesto. Brada-lhes: — Os senhores poderão ser bons republicanos, mas são assassinos! Eu, Cunha Leal e Antonio Granjo, poderemos ser maus republicanos, mas somos homens honrados!

* * *

Retrocedamos na nossa narrativa. Antonio Granjo fôra conduzido ao pavilhão onde estão as instalações do oficial de dia e funciona a 3.ª repartição de marinha. As trazeiras deitam para o edificio da Majoria General da Armada. Não há evasão possivel. Entre as duas construções existe um corredor fechado por grades, que não se arrombariam facilmente, e que deita para a pequena doca designada por *Caldeirinha*. O pavilhão, uma modesta construção em tijolo, tem um andar apenas. Um lanço de escada dá-lhe acesso. Depois, há um patamar, mais três degraus e um corredor grande que serve os aposentos aonde funciona a 3.ª repartição. De fóra, vê-se a sala de jantar do oficial de serviço, contigua ao celebre quarto n.º 3, separada do patamar por uma balaustrada em ferro fundido.

Antonio Granjo subiu sosinho. Á porta ficaram os oficiais, na intenção de impedir que alguem subisse. Uma vez lá em cima, começou a passear no corredor, cabeça baixa, mãos nos bolsos. Um criado, apiedado, avisou-o:

— O senhor doutor não está aí bem...

O presidente do ministerio aceita a indicação e refugia-se na sala de jantar. Mas de fóra, igualmente o podiam vêr. O criado, solicito, preveniu novamente:

—Tambem não está aí bem, doutor

— Então, onde?

— Aqui — e conduziu-o ao quarto n.º 3, um quarto modesto, com duas mesas e uma secretaria. Antonio Granjo, fatigado, senta-se numa delas. A sua fadiga é visivel. Palido, o olhar incerto, vive ali os ultimos minutos de vida. A certa altura há um começo de invasão. Aparece Cunha Leal e trocam-se as palavras que registamos acima. Mas sai tudo, restabelece-se novamente a tranquilidade, quebrada apenas pelos rumores de fóra.

A vozearia cresce. Aproxima-se um grupo e pregunta aos oficiais amontoados á porta:

—Está aí o malandro do Granjo?

—Não, não está:—e a negativa é dada com uma insistencia tal, que vale bem como uma afirmação.

—Mas nós é que queremos ir vêr

—Não, não vão—ainda bradam.

Mas eles sobem em tropel.

—Onde está? Onde está?

O quarto n.º 3 é contiguo á sala de jantar. Antonio Granjo é descoberto rapidamente.

—Ah! estavas aí! Salta cá para fora...

—Supunhas que escapavas?!...

Desvairado, e tendo a morte como certa, Antonio Granjo salta para o corredor.

A um canto, o criado observa tudo, apavorado. Do grupo, que deixou bastante gente a tapar a entrada, berram:—Desce esses degraus!

O chefe do governo vencido mantem até ao fim a coragem que o abatimento não excluiu. Salta os três degraus e, então, lança as suas ultimas palavras, em que há resignação: Já sei o que vocês queram! Matam-me, que matam um bom republicano!

Soa uma descarga: de baixo correspondem. Antonio Granjo cai ao comprido, vertendo sangue por inumeros ferimentos. Estava ainda nas ultimas convulsões, quando um dos assassinos—no dizer de testemunha ocular, um clarim da G. N. R., de desmedida estatura—sacou da espada e a cravou no estomago, com violencia tal que, atravessando o corpo, ficou presa ao sobrado. Depois, friamente, o facinora, poz o pé sobre o peito de Antonio Granjo, puxou a arma e gritou triunfalmente, mostrando-a aos companheiros:

—Venham vêr de que côr é o sangue do porco!

O sangue, conforme quem escreve estas linhas teve ensejo de verificar, manchou a parede até mais de meio metro de altura. No sobrado ainda se vê a fenda aberta pela espada do clarim. A' esquerda de quem sobe a escada, havia na parede duas brechas produzidas por balas de espingarda Kropatchek, em uso na G. N. R. No outro pedaço de parede, que fórma o angulo, mais quatro brechas de Kropatchek, quatro de carabina da armada, e duas de pistola. Certamente o juiz encarregado da instrução do processo, não esqueceu estes detalhes.

* * *

Agatão Lança, conforme prometera, voltou ao hospital. Cunha Leal, anciosamente, pregunta:

—Então?

Responde-lhe com um gesto de duvida, como se tudo corresse bem. Sairam. Já no automovel, Agatão Lança, o bravo combatente do Rato e de Mirandela, deixando caír a cabeça sobre as mãos, chora silenciosamente.

Cunha Leal, numa revelação, as palavras já embargadas pelas lagrimas:

—Mataram o Granjo?!

—Infelizmente!

E coube então ao combatente da Flandres e de Santarem, a sua vez de chorar como uma criança, o homem que através de tudo procurara salvar.

L. Consiglieri Sá Pereira

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O DIA DE HOJE

A comemoração do 19 de Outubro

SUFRAGANDO A ALMA DAS VITIMAS

A VISITA Á TRAFARIA REALIZA-SE NO DOMINGO

A comemoração do 19 de outubro foi simples, quasi fria. Por parte duns, houve lagrimas e preces; outros aproveitaram a data para indignações e sarcasmos.

As familias e os amigos das vitimas não as esqueceram. Além da missa mandada dizer, nos Anjos, pela familia do capitão de fragata Freitás da Silva e que foi muito concorrida, rezou-se na igreja da Lapa uma missa de *Requiem*, sufragando a alma do capitão de fragata José Carlos da Maia.

Foi celebrante o rev. Pais da Silva que, após o acto, rezou o *Libera-me*, seguido da ultima absolvição.

Entre a numerosa assistencia, via-se a desolada viuva, Carlos da Maia Junior e Augusto Carlos da Maia, irmãos; D. Amalia Maria Domingues, irmã e cunhado; e Antonio Carlos da Maia, sobrinho.

Findas as funebres e tocantes cerimonias foi distribuido um bodo a 150 pobres oferecendo essas esmolas o sr. Luiz Pereira Eduardo, amigo intimo de Carlos da Maia. A distribuição pertenceu-lhe ás inocentes filhinhas do malogrado comandante que, sorridente, entregava aos contemplados os respectivos obolos, auxiliando-a nesta piedosa tarefa a sr.ª D. Rosa Carneiro e o sr. José Baptista Nicolau.

Na redacção da *Republica*, foi hoje distribuido um bodo a alguns pobres.

Hoje á noite haverá, na mesma redacção, uma sessão de homenagem aos que foram assassinados, falando, entre outros, os srs. capitão Cunha Leal, Vicente Ferreira, Ribeiro de Carvalho, drs. Ginestal Machado, Alves dos Santos, José Varela e Carlos Lopes, Julio Cruz, Joaquim Lança, etc.

Tambem no Centro Dr. Sidonio Pais se realisa uma sessão de homenagem ás vitimas, que começará ás 9 horas.

Um grupo de amigos do malogrado vice-almirante Machado Santos, presta amanhã uma homenagem ao fundador da Republica, pelas 15 horas, no Cemiterio do Alto de S. João.

* * *

Por outro lado, os que fizeram e venceram o 19 de outubro promovem á noite, no Centro Antonio Maria Baptista, uma sessão solemne, falando os srs. dr. Albino Vieira da Rocha, Bossa da Veiga, Antonio Bernardo, etc.

A ida á Trafaria que estava marcada para hoje, por não ser dia de visita, ficou transferida para domingo.

* * *

Têm corrido muitos boatos de proxima alteração da ordem publica, ligando-se grande importancia á remessa de 200 camas para o Forte de Elvas, por parte do Ministerio da Guerra.

O governo confia, porém, em que qualquer perturbação da ordem será imediatamente aniquilada.

O "Tamega,,

será lançado ao Tejo depois de amanhã

O lançamento ao mar do «destroyer» *Tamega*, marcado para depois de ámanhã, realiza-se ás 14.30 prefixas, com a assistencia do sr. Presidente da Republica, corpo diplomatico, governo, chefe do distrito, Camaras do Senado e dos Deputados, Camara Municipal, oficiais do exercito e marinha, Escola Militar, Colegio Militar, director do Arsenal do Exercito, etc.

A guarda de honra ao chefe de Estado será feita pelos aspirantes da Armada, que formará junto á tribuna, formando tambem, dentro do Arsenal uma força de Marinha com a respectiva banda. No dia do lançamento será concedido feriado, a partir das 12 horas, ao pessoal do Arsenal.

Cruzador "Republica,,

Largou hoje do Rio de Janeiro para Lisboa, com escala por S. Vicente de Cabo Verde, o cruzador «Republica».

AS EDIFICAÇÕES NOVAS

LISBOA AMEAÇADA DE MORTE!

Como se fazem predios: cada andar, cada hipoteca

A CONSTRUÇÃO POR MEIO DE EMPENAS

Lisboa nova, feita nas avenidas para lá da Rotunda, cingida ao Alto do Pina, a descer ao rio, por Chelas, pode amanhã, com um tremor de terra, um terremoto, qualquer abalo sismico, desmoronar-se toda, desfazer-se em pó, como se um pé de vendaval lhe mordesse os caboucos dos predios e os projectasse violentamente ao chão.

Constroi-se em Lisboa, criminosamente. A camara municipal não repara e, se repara, os afilhados e as esportulas fazem calar as bocas teimosas.

Quem olhar o casario de Lisboa em suas sete colinas, que são sete altares, do tempo de Pombal, em cunhais fortes, alvenaria assente em estacas alcatroadas, e depois seguir com a vista, pelas arterias cortadas recentemente, topa com predios bonitinhos de tinta, chafranafra de construções, oito andares, muitas, a berrarem por suas janelas. Tem medo! Leu nos jornais, ou assistiu já a derrocadas pavorosas de predios ainda em meio, que amortalharam vidas de operarios, sem dar tempo a uma fuga salvadora.

O ano passado sucedeu isto. Ha dias desabou um andaime. A'manhã o que será? Os predios de uma rua inteira?

Querem saber como se faz uma construção?

A terra que dá mais construtores é Tomar. Aparece um e faz fortuna. Achegam-se-lhe os afilhados e os amigos, que ele emprega na obra, como amassadores de cal, ou alinhadores de pedra.

Um deles, olhando para o mestre, repara que já o oiro lhe pinga no colete em grilhões. Aquilo dá! Tentemos a sorte! Vende as courelas da terra por um ou dois contos de réis, compra, hipotecando logo o terreno. Levanta-lhe caboucos e hipoteca-os. Faz o primeiro andar e temos nova hipoteca. Cada andar, cada encargo novo, a quinze, a vinte por cento ao mês.

E como constroi?

Não se podem erguer fundamentos, senão quando se encontra terra firme. Pode-se cavar vinte metros sem se encontrar. O homem das leiras, hoje sr. mestre, não se importa. Muitos predios estão levantados sobre caboucos com setenta centimetros de profundidade.

Se se encontra barro, ainda que mau, quasi só terra, faz-se com ele uma massa, vasa-se num molde, e faz-se tijolo. Seca. Oito dias depois, a chuva começa a desgastar o tijolo, a raspa-lo, a esborá-lo. Que importa! O predio vai-se erguendo.

Então recorre-se a fabrico dos muros por empena. Em vez de dois operarios, um de cada lado da parede, um basta, porque o trabalho do outro é substituido por um plano de tabuas. E' deitar, deitar pedra, com uma argamassa, onde a cal não entra na devida proporção: Resultado: comoo as pedras não ficam bem ligadas, com ha grandes espaços, as paredes dão de si e racham. Ainda é muito honesto o mestre de obras que recorre á pedra para fazer paredes. O mais das vezes só tijolo, do tal feito de mau barro, é empregado nos caboucos.

Fica, pois, uma parede delgadinha, arrimada a outra já mal feita, que qualquer esforço pode derrubar.

Ha predios, afirmava-me ha pouco um mestre de obras, que se podem deitar abaixo com uma faca.

Na rua Herois de Kionga, o ano passado, um destes predios derruiu em parte. Retiraram os locatarios; a Camara mandou-o demolir, mas até hoje o predio lá está, ameaçando de morte as pessoas que vivem perto.

Se ámanhã Lisboa sofresse um pequeno abalo sismico, um terço dá Lisboa nova cairia por terra. As multas que a Camara aplica são leves. Fazem-se construções, sem terem ainda a respectiva aprovação do pelouro.

Quando o fiscal vai e encontra já o quinto andar, logo o mestre de obras o chama á parte e é negocio feito...

Um exemplo: um predio não pode ser habitado senão quatro meses depois de concluido, por causa das emanações dos oxidos das tintas. Pois bem: ainda elas não estão secas e já ha moradores. Se a multa é irrizoria... vinte e cinco mil réis.

Para fechar. Ha razão para se pedir quinhentos mil réis, por um andar, dum predio acabado de construir?

Ha e não ha — dizem-me.

Um predio, que é vendido por quinhentos contos, não vale senão duzentos e cincoenta. Mas como as hipotecas são tantas, dinheiro a vinte por cento ao mês, como o construtor não tinha um vintem de seu e teve que pedir emprestado tudo e como ainda quere tirar fartos lucros, resulta:

Que um predio, que tem apenas duzentos contos de materiais e mão de obra é vendido pelo dobro para pagar emprestimos e dar margem a lucros. O novo proprietario então faz as rendas, conforme o dinheiro que dispendeu com a compra, alargando-as mais e mais.

A Camara Municipal sabe tudo isto. Nós tambem. Devemos dize-lo.

A missão de quem escreve é ir de encontro á verdade. No que acabam de lêr, não há tintas carregadas. Se ámanhã um terço de Lisboa desabar, de quem é a culpa? O nosso aviso é bem claro.

Uma inspecção

que vai ser feita pelos medicos das escolas

A inspecção geral de sanidade escolar convidou os medicos escolares das escolas primarias de Lisboa a fornecerem, no praso maximo de 10 dias, uma relação dos alunos das escolas a seu cargo, que sofram de perturbações da palavra, a fim de serem recrutados para frequentar o curso especial que ha um ano funciona em Lisboa sob a fiscalização daquela inspecção geral.

O desfalque de 30 contos

E' ámanhã enviado para juizo Augusto Nunes de Carvalho, que, conforme noticiámos, é acusado de ter feito um desfalque de 30 contos de réis na casa Viuva Francisco Vieira, Limitada, na rua de S. Julião, onde estava empregado.

O GUERRA HELENO-TURCA

A demarcação da zona neutra

CONSTANTINOPLA, 19

A comissão da demarcação da zona neutra de Ismidt terminou os seus trabalhos, tendo sido assinado o acordo na cidade Chide.

O couraçado britanico *Ajax*, o cruzador ligeiro *Concorde*, condutor da flotilha Stuart e dois contra-torpedeiros, largaram de Chanak em direcção a Malte.—(*Diboa*).

Anulação de um concurso

Foi anulado o aviso publicado ha dias no *Diario do Governo*, abriado concurso para preenchimento de uma vaga de professor efectivo do 3.º grupo do Liceu de Alexandre Herculano.

POLITICA DE HOJE

A presidencia do Senado Municipal

MAGALHÃES LIMA ACEITÁL-A-HA?

O QUE SE DIZ NA ARCADA SOBRE O CAMBIO

Dissemos ontem que se pensava no nome do sr. dr. Magalhães Lima para futuro presidente do Senado Municipal. Apesar de um jornal da manhã desmentir de certo modo a nossa informação, indicando para aquele cargo o sr. Herculano Galhardo, podemos asseverar que não está posta de parte a hipotese Magalhães Lima. Poderá ser escolhido ou não escolhido o nome do venerando republicano para figurar na lista democratica. Mas o que é certo é que será indicado por varias comissões.

* * *

O sr. ministro das Finanças continua optimista quanto á melhoria do cambio. Tudo leva a crêr que, dentró de quinze dias, ele estará, pelo menos, na casa dos quatro.

* * *

O directorio do Partido Liberal reuniu esta tarde. Não compareceram á reunião nem sr. Cunha Leal, nem o sr. Ribeiro de Carvalho.

O jornalista quiz saber o que se estava discutindo, ou viria a discutir-se.

O directorio, pela boca do sr. Tomé de Barros Queiroz, mostrou-se impenetravel. Assuntos transcendentes de politica ou simples e natural desejo de reservar as noticias em primeira mão para o nosso colega *A Lucta*?

* * *

O conselho de ministros reuniu-se esta tarde na secretaria do Interior.

Roubo de 1.100 escudos

Foi preso Tomás de Amorim, sem residencia, por ser acusado de ter furtado a quantia de 1.100 escudos a Antonio Ferreira Eloi, travessa do Monte, 15.

Malas postais

Amanhã são expedidas malas postais, pelo «Canadá», para os Açores e New-York, e pelo «Holm», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo a ultima tiragem da caixa geral, ás 8 horas para o primeiro e ao meio dia para o segundo, fechando para este os registos ás 10 horas.

UM PREMIO

para os vencedores do «raid» Lisboa-Rio

RIO DE JANEIRO, 19

O congresso sancionou o projecto da concessão dum premio de 59 contos aos gloriosos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

O PRESIDENTE EBERT

continuará no seu cargo?

BERLIM, 19

Vai ser apresentado no Reichstag um projecto de lei prorogando o mandato de presidente Ebert até 30 de junho de 1925. —(*Especial*).

CAMBIOS

Dia 19

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	93$000	98$000
Londres, cheque	2 11|16	2 5|8
» 90 d. v.	2 13|16	—
Rio Londres	6 1|8	—
Paris	1$483	1$518
Itália	$842	$862
Bélgica	1$383	1$416
Suiça	3$671	3$759
Espanha	3$083	3$157
Berlim	5	7 1|2
Holanda	7$840	8$027
Nova-York	19$966	20$442
Rio Lisboa	2$279	2$333
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$800	2$000